The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring intricate, swirling designs in shades of brown, tan, and cream. A central white rectangular label is pasted onto the cover, containing the title and author information. The text on the label is as follows:

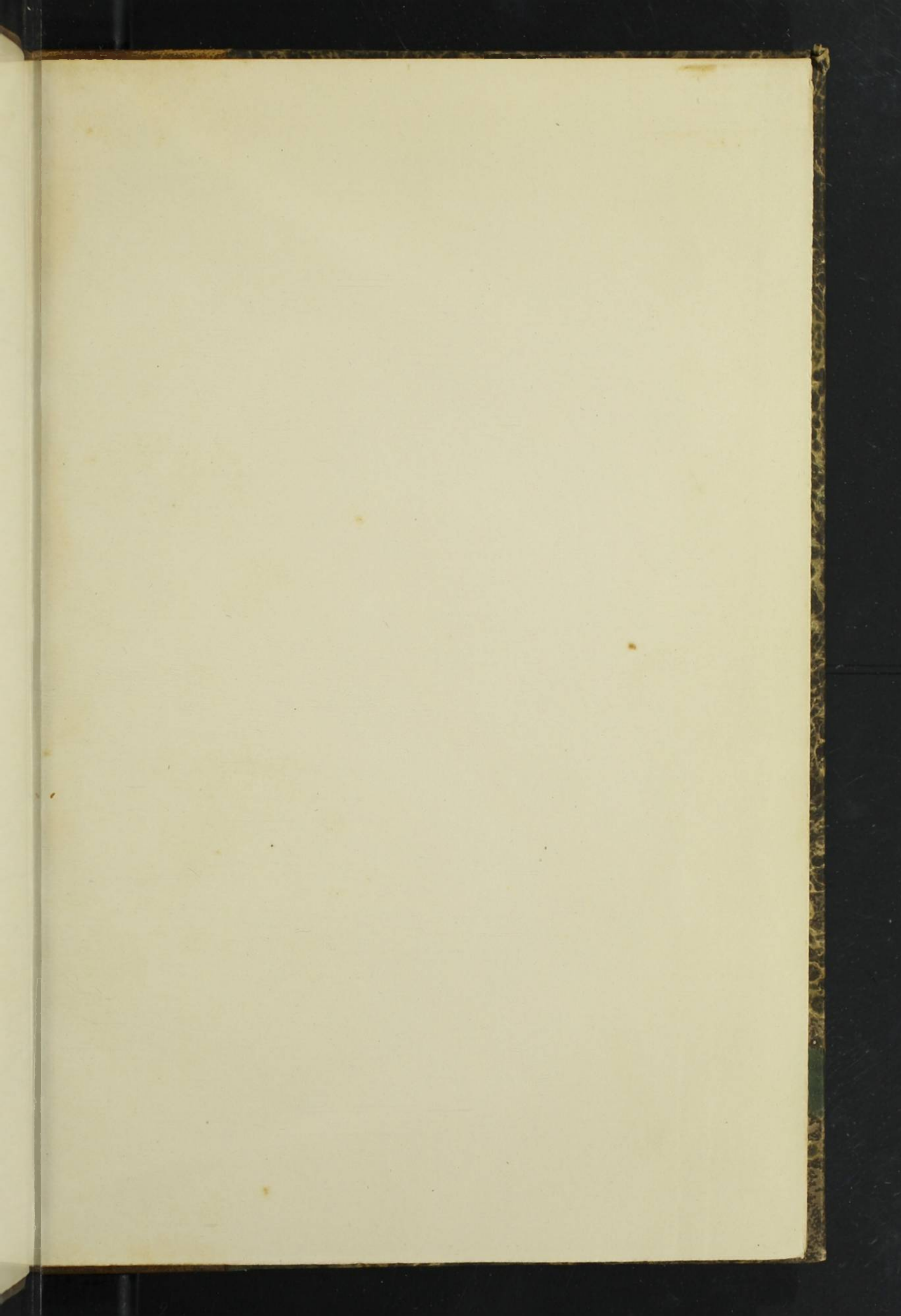
Le ne fay rien
sans
Gayeté

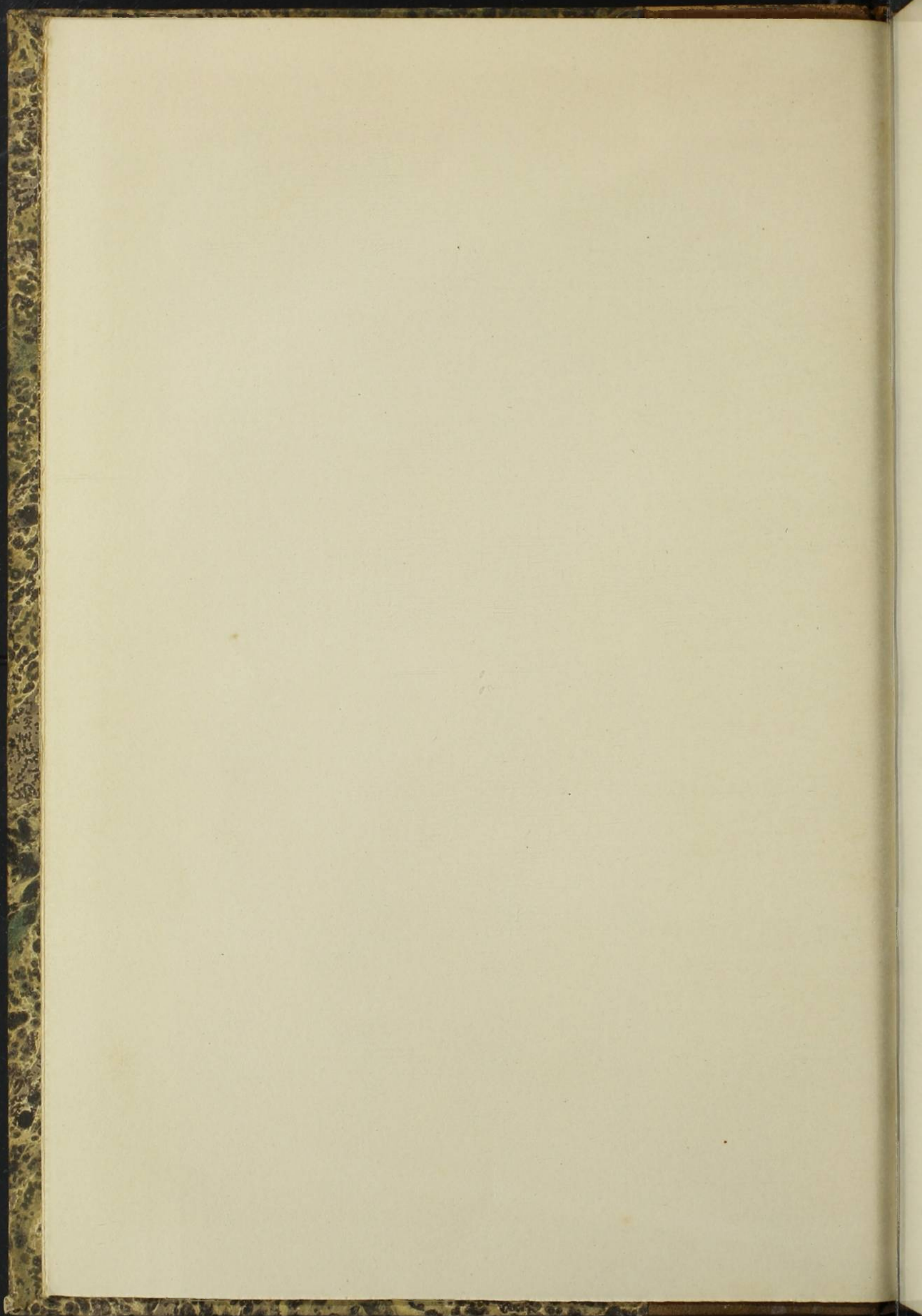
(Montaigne, Des livres)

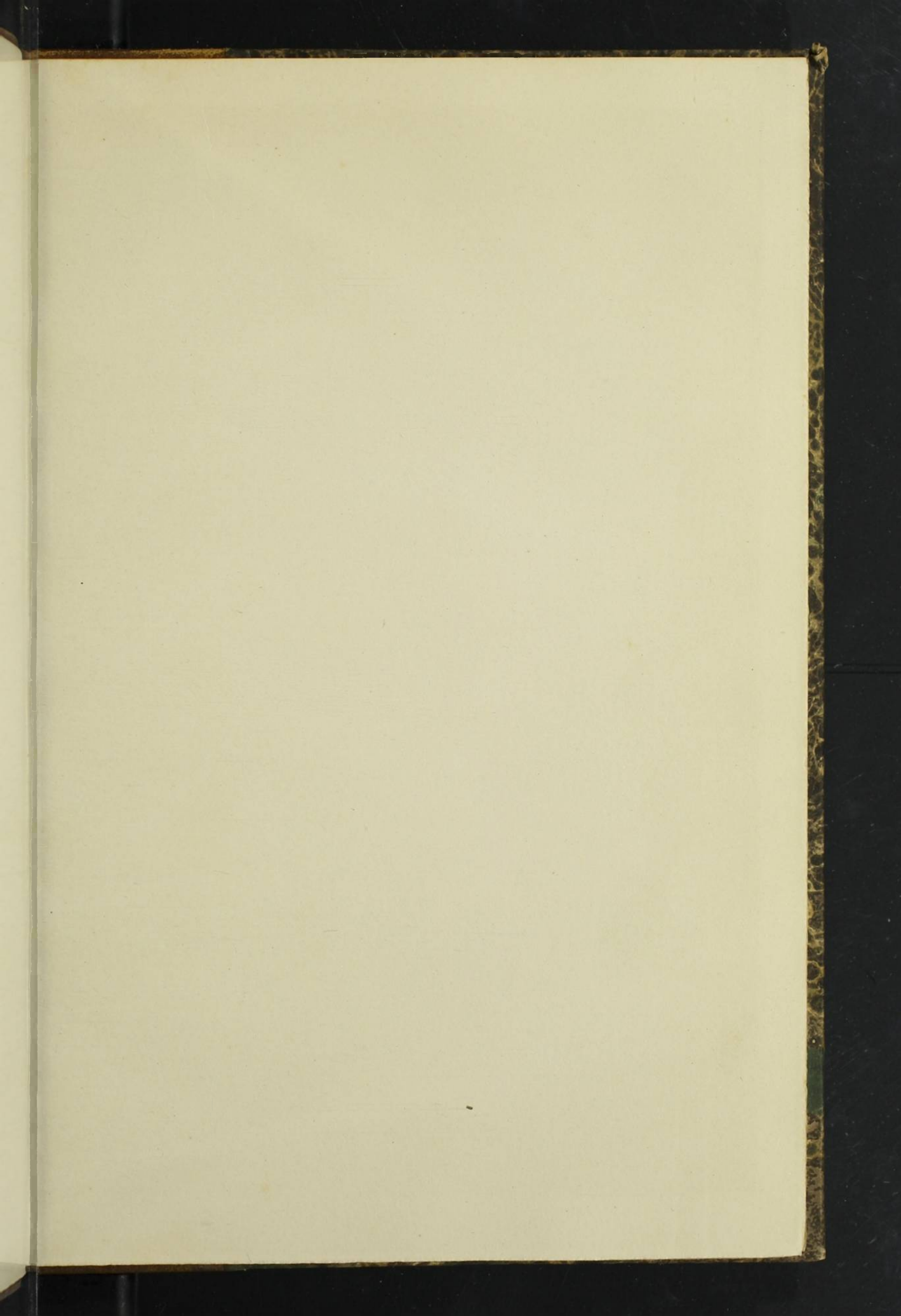
Ex Libris
José Mindlin

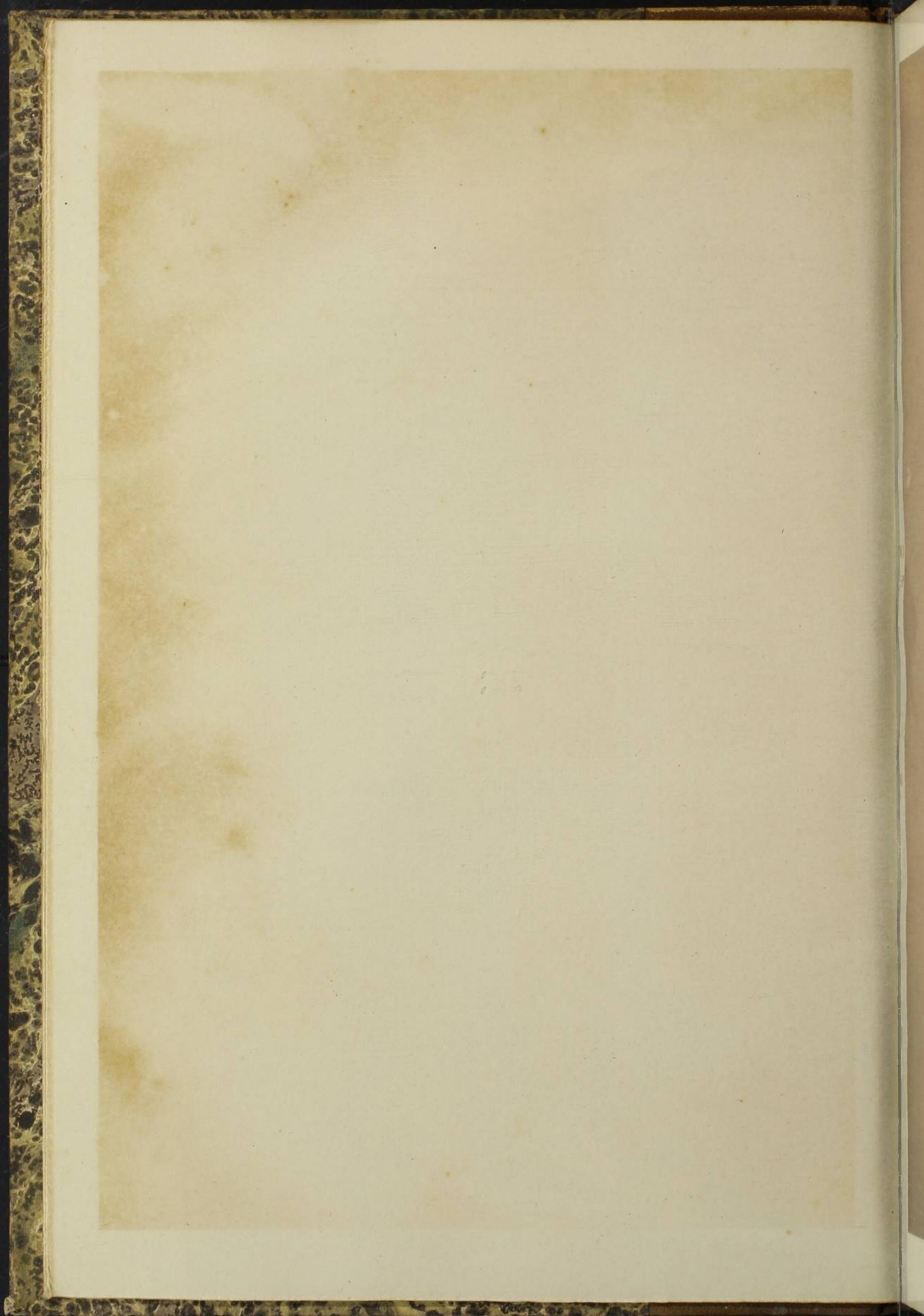


ENCADEINACAO
A. NARDI









Martim Francisco



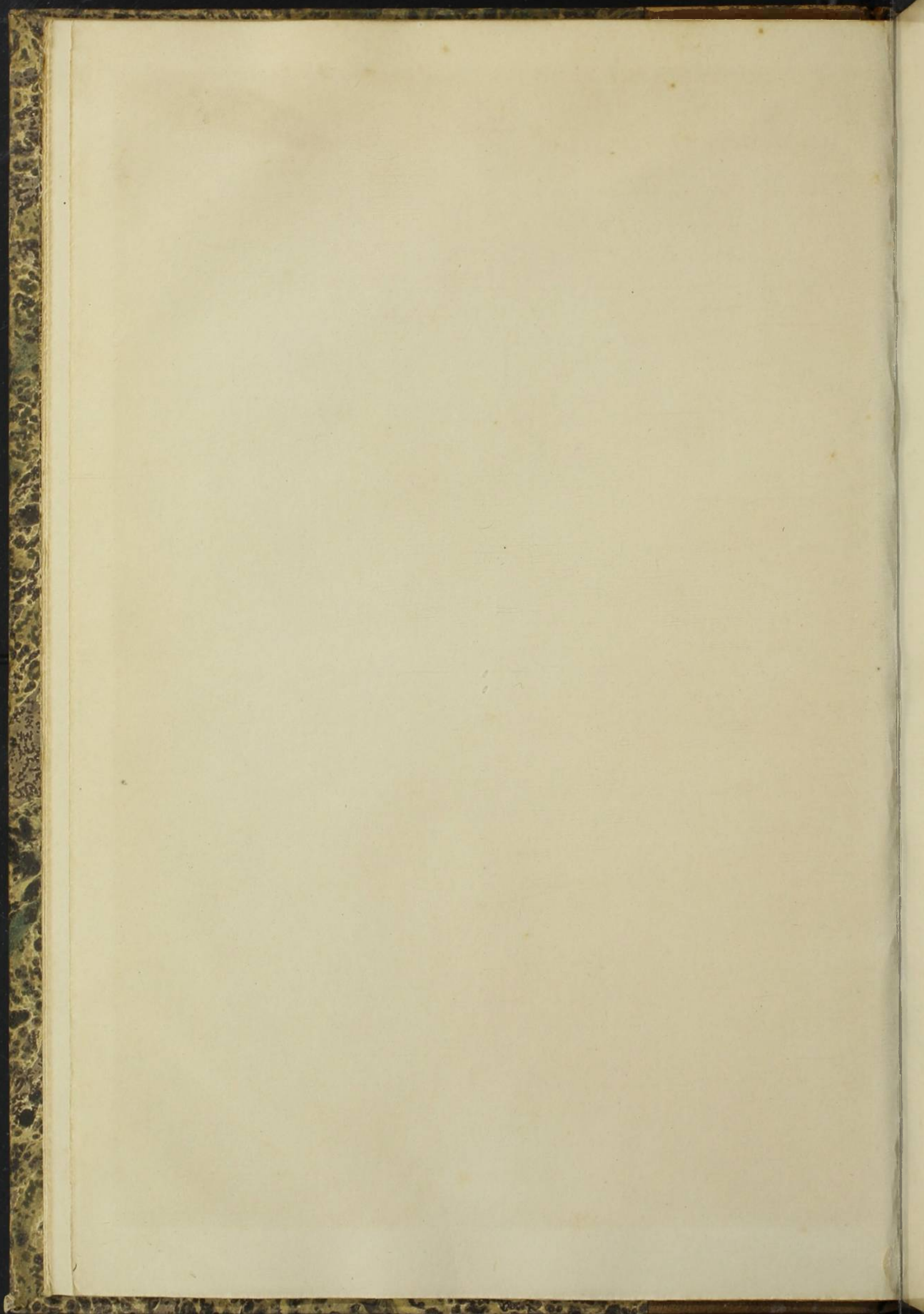
PATRIA MORTA?

De POMBAL a PIRES FERREIRA



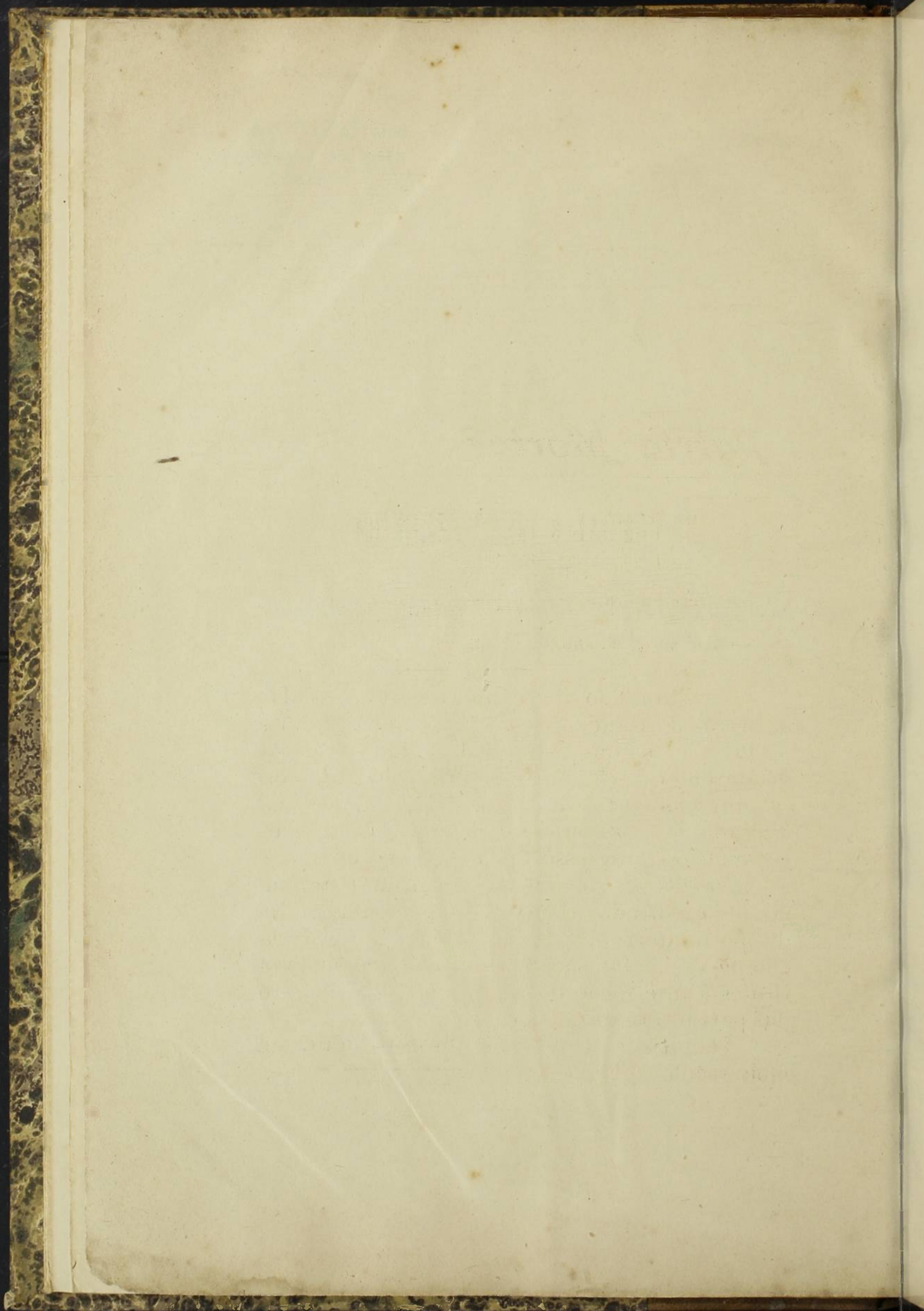
SANTOS
TYPOGRAPHIA IMPRENSA POPULAR
21, RUA FREI GASPAR, 21

1902



LIVRARIA NACIONAL
MONTEIRO & Cia.
Rua da Constituição
84-RIO

*Conferencia proferida, em Franca do Imperador,
em 7 de Abril de 1902.*



Patria Morta?

De POMBAL a PIRES FERREIRA

(O orador é recebido com prolongada salva de palmas)

Exmas. Senhoras; Senhores:

Ao estampido da artilheria, atravessadas as terras do occidente europeu pelos batalhões do joven corso que teria de desfolhar os louros de Marengo nos funeraes de Waterloo, descerravam-se as portas do seculo XIX quando, na dilatada margem oriental do sul atlantico, os germens do progresso, as leis da sociologia e a logica dos acontecimentos exigiram e annunciaram a entrada de um novo personagem no drama ininterrupto da historia, e na historia complexa da civilisação. O Brasil apresentava titulos á inscripção do seu nome no numero das patrias organizadas.

Tentativa de feitoria lusitana durante meio seculo; colonia, ora portugueza, ora hespa-

nhola, mas sempre ibera e catholica, subordinada ao influxo persistente da metropole; com os cruzamentos continuamente lhe apparelhando o mestiço; com o mameluco a encontrar na difficuldade de communições, na conquista do sertão, e no anniquilamento do indigena, a escola da iniciativa e a licção do trabalho; com governadores energicos, poderosos de attribuições, disciplinados, obedientes ao governo que os elegera — letrados, algumas vezes, como o conde de Assumar, classicos estylistas como Bernardo Berredo, e quasi sempre honestos como esse tyranno Franca e Horta que devolvea, cortez mas resoluta, os incentivos da peita (1) —; afugentadas de suas apprehensões e varridas do seu littoral a cubiça do bretão, a audacia do calvinista francez e a possibilidade de uma installação flamenga na zona torrida, entrara o Brasil em uma phase de tal qual tranquillidade quando, em meado do seculo XVIII, o homem de estado que sonhara realisar a previsão do nosso segundo chronista (2), o perspicaz voluntarioso que imaginara na colonia um grande Imperio, comprehendendo que a quasi nação já ostentava o viço das juventudes sadias (3), deliberou, decretou e verificou a construcção dos dous alicerces que teriam de escorar o edificio de nossa independencia e

(1) Documento inedito.

(2) Gabriel de Souza.

(3) Sylvio Romero.

estear, perante o mundo, a nossa nacionalidade. (*Nota A*).

Resgatando as capitánias, encorporando-as ao Estado, abolindo os ultimos direitos feudaes no nosso territorio, Sebastião José de Carvalho, conde de Oeiras, marquez de Pombal, apparece aos olhos do philosopho sociologo, não apenas como definitivo, como derradeiro vencedor desses interesses que, já em 1549, Thomé de Souza começara a desrespeitar, mas também, mas especialmente, como o unificador legal desse colosso que, recostada a cabeça no equador, distendidos os pés ao rio da Prata, com a dextra aponta os pincaros andinos, e no cabo de S. Roque, com a sinistra vigilante ás incertezas da ambição occidental, recebe o primeiro alvor do sol nascente. Colosso em cujos annaes o perfil de Sebastião José de Carvalho avulta tanto e tanto que a gratidão brasileira e a critica de quem o intenta medir vacillam, assombradas, não sabendo onde collocar a primazia: se na grandeza do estadista, se na grandeza da obra. (*Applausos*).

Agradeço os applausos. Peço, porém, que elles não continuem. Vou fazer mais um trabalho de concatenação historica do que uma conferencia politica, e receio que os applausos atrapalhem o raciocinio dos que me honram com a sua attenção. Se o auditorio gostar do meu discurso, palmeelhe o final. (*Riso*).

Reformando, acertadamente para a epoca, admiravelmente para as condições embaraço-

sas de Portugal no começo do reinado de d. José I, os carunchosos estatutos da Universidade de Coimbra; augmentando-lhe as aulas; alargando-lhe os estudos, mercê da collaboração prestada por d. Francisco de Lemos e João Pereira Ramos — brasileiros, ambos —, o ministro portuguez integrou, com o amparo de um acto de politica interna, seu immenso plano em relação á nacionalidade que seria, em proximo porvir, a legitima herdeira da lingua, das tradições e dos deveres da metropole decadente.

Pouco o oiro, que alem de quintado pagara para os alfinetes da rainha, quasi nada a industria, algum tanto o commercio e bastante a agricultura haviam cooperado para que, na colonia brasilica, familias regulares adquirissem a abastança, mantendo e ampliando fundos de reserva cujo emprego, limitado as mais das vezes á compra de terras agricultadas ou agricultaveis, e não descobrindo no luxo o caminho do desperdicio, gerava esse bem estar relativo que é o unico degrau attingivel da felicidade humana. Collocada a Universidade de Coimbra a par das, então, melhores da culta Europa, em cada capitania do Brasil os filhos dessas familias mais ou menos enriquecidas — os que podiam despender 5\$120 rs. em livros de preparatorios, 12\$800 com o pagamento da matricula e 8\$000 de mezada (4) — quantias que não

(4) Documento inedito.

eram então exiguas —, arrostando os desconmodos de enfadonha e prolongada derrota, trocavam a quietude da terra natal pelo bulicio instructivo da lendaria Universidade. (*Nota B*).

Facil era prever, mas facil hoje comprehender quaes os effeitos, após oito ou dez gerações academicas, do encontro e da convivencia dos moços brasileiros na capital intellectual da metropole. Segregando-se pouco a pouco dos collegas reinoses, formando como que um nucleo á parte — phenomeno que observei repetido pelos estudantes rio-grandenses durante minha vida academica em S. Paulo —, a identidade de seus habitos, a semelhança dos seus costumes, talvez mesmo a, já então provavel, inflexão particular do sotaque brasiliano, mas acima de tudo, mas inilludivelmente, a communiidade da recente origem, buscavam para a conversação um assumpto obrigatorio nesse delicioso pungir de acerbo espinho (5), que resuscitava a lembrança da terra de alem mar. Longe, tão longe, lá noutro lado do oceano, o Brasil enorme, com seus rios caudalosos, suas florestas interminas, suas riquezas incalculaveis! E Portugal tão pequeno, canapé da Hespanha, como o denominaria D. Joao VI! E nos corredores da Universidade, e na intimidade da existencia academica, condimentadas as cogitações referentes ao futuro do Brasil pela importancia da indepen-

(5) Garret.

dencia do norte do novo continente e pela lucta das colonias hispano-americanas, a revelação e o exame de successos e incidentes, que o governo portuguez só em parte divulgara, ou occultara prudentemente em assisado silencio, e a noticia de sedições, insurreições, tumultos e revoltas que em varias emergencias e por diversos motivos haviam surgido em afastados pontos da colonia, foram levando o animo dos nossos jovens patricios á convicção de que os interesses brasileiros eram mais um conjuncto determinado do que secundaria parcella dos interesses lusitanos.

Instruido, estudioso, o moço maranhense contava ao paulista entusiasmado o levante de Beckman contra o monopolio commercial, a tomada dos fortes, a traição de Lazaro de Mello, a energia caridosa de Gomes Freire e a forza onde se balançara o cadaver do luctador vencido; o mineiro, calmo e honesto, relatava ao bahiano, inspirado e audaz, as desobediencias de Manoel Nunes Vianna, a prisão de Veiga Cabral, o esquartejamento de Felippe dos Santos e os degraus desse patibulo onde Tiradentes, ignorante e credulo, fanatico e puro, saldara com o proprio sangue as contas do patriotismo alheio; narrava o pernambucano, intelligente e envaidecido, a retirada dos holandezes, a epopea dos Palmares e a utopia de Vieira de Mello; reclamava o bahiano para João Deus do Nascimento a gloria de haver intentado e tentado, ao mesmo tempo, emancipar os

escravos e a Patria; que o caminho da serra fôra obstruido para impedir a chegada do governador Salvador de Sá, que Bartholomeu de Faria atacara e tomara a cidade de Santos, que Bueno da Veiga reprimira os emboavas, dizia o paulista, mais ativo dos conflictos que tivera que dos serviços que prestara com a expansão bandeirante. E todos os casos que significavam uma desobediencia á administração colonial, e todos os indicios de um sentimento autonomico accrescentados de volume pela distancia no tempo, como as sombras que se prolongam fingem reduplicar o tamanho dos corpos no espaço, se iam reunindo, enquadrando, synthetizando, peninsulados resolutamente á alma dessas gerações coloniaes, até sommarem a rivalidade crescente entre portuguezes e brasileiros.

Elevado o Brasil á categoria de reino — sequencia administrativa do decreto que lhe abria os portos ao commercio universal — repercutiram em nossas cidades mais adeantadas os echos desse pendor nacionalista que, a datar do meado do seculo XVIII, os acontecimentos vinham trazendo, assignalando e justificando.

Em S. Paulo — e é gratamente preferivel tomar os exemplos em casa — a mesma mocidade que contava em suas fileiras Amaral Gurgel, Silva Bueno e Azevedo Marques (o mestrinho), Lucio Campello e tantos outros, e que mobiliava o cerebro para hospedar grandes ideaes frequentando a aula de philosophia

kanciana, onde o futuro parlamentar ensinava que — os limites, quaesquer que elles fossem, para o universo, eram muito estreitos para a nossa razão especulativa, e o infinito muito vasto para a nossa sensibilidade (6) — commentava com applauso, glosando quiçá com temores, essas prophcias politicas com que o estupendo orador sacro (7) maravilhava o auditorio da activissima e agitada villa de Itú: “Nossos destinos grandiosos não podem ser desconhecidos. O Brasil está reservado para encher uma larga pagina na historia do Universo. O Brasil está fadado a ter a consistencia de uma monarchia com a liberdade de uma republica..”, (*Nota C*).

Ligae, ligae a esse alvoroçar da consciencia brasileira a serie esplendente de glorias literarias e scientificas, mesmo politicas e administrativas, que a producção humana havia derradeiramente incrustado na metropole como um protesto contra os prodomos do seu infeliz descaimento; lembrae que Alexandre de Gusmão e Bartholomeu Lourenço (não era Gusmão) haviam tido numerosos e dignos continuadores; adjectivae directamente Rodrigues Ferreira, Arruda Camara, Coelho Seabra, Vieira do Couto, Silva Pontes e tantos outros, e asseverareis que, no crepusculo do penultimo seculo e na aurora do que o succedeu, a mentalidade portugueza era superiormente brasileira. (8)

(6) Coronel Martim Francisco.

(7) Mont'Alverne.

(8) Oliveira Martins.

Vinculae esse phenomeno ás causas que já especificuei, e apparecer-vos-á normal, logica, indispensavel, a cascata dos acontecimentos que nos abriram a entrada na assemblea dos povos livres.

Falha a revolução pernambucana de 1817; renova-se em Portugal, com exito, a agitação constitucionalista; d. João VI retira-se do Brasil; dos setenta e um deputados enviados pela nossa terra ás côrtes de Lisboa, comparecem trinta e seis, e, desses, sete cumprem o seu dever e salvam a honra da Patria. Proclama-se a independencia. Mais do que isso: proclama-se a Monarchia. Tanto como isso: proclama-se a liberdade.

E porque não a Republica?

Enfrentemos de vez, senhores, enfrentemos de vez com esse interrogador dispauterio constantemente renovado pelos que, fazendo da ignorancia uma profissão, e querendo que os pleitos de hontem sejam sentenciados por algumas ideas de hoje, decidem do passado sem lhe indagar das circumstancias, e da responsabilidade dos homens que nelle figuraram, sem conhecer, sequer pela rama, os meios de acção que estiveram ao seu alcance. Historia a palpito. Critica com dispensa do elemento objectivo. Atoleimado solliloquio que teima em achatar a verdade historica com o peso dessa imagem antipathica da fraude, que o poeta descreve em attitude benigna e modesta, humilde e grave, mas occultando sob o manto

largo e comprido a lamina envenenada da calumnia proposital. (9)

A mim mesmo pergunto algumas vezes se do abuso do livre exame se não originam muitos dos males que hodiernamente attribulam a civilisação e o direito ! Todos se julgam aptos para a discussão de tudo. Poucos desistem de transformar o espirito publico e o raciocinio alheio em receptaculos de tolices.

Ora: tomemos pela gollilha esse argumento desenxabido com que os doutores em republicanismo leccionam a censura a um passado cuja correcção elles não sabem imitar.

— Porque se não instituiu, no Brasil, em 1822, a fórma republicana ?

— Porque não existia, então, grupo ou partido que a pedisse. Porque o povo não a conhecia, não a queria, não a esperava, della não cogitou, nella não pensou. Porque os directores do movimento da independencia — unica idea que centralisara as aspirações nacionaes — eram monarchistas, monarchistas sem disfarce, monarchistas sem rebuço; eram, em sua maioria, ex-alumnos das faculdades de Coimbra, adeptos dessa monarchia constitucional parlamentar — ilha de criterio onde se abrigaram, do naufragio da demagogia nos escolhos do militarismo, as capacidades politicas que as lentejoilas da revolução franceza illudiram e que o arrastamento e a loucura das multidões ensan-

(9) Ariosto.

gumentaram. Porque com a fôrma republicana não obteríamos o reconhecimento das potencias estrangeiras, obstaculo que, ainda com a installação monarchica, só lográmos remover depois de tres annos de exercicio de autonomia e de uso incontestavel de independencia. Porque o systema republicano não estava em nossas tradições, em nossa indole, em nossos interesses; porque a marcha de nossa historia nos indicava antes uma separação do que uma reacção, antes um desagregamento do que uma ruptura: nós não havíamos padecido, na éra colonial, os tratos que a Hespanha impuzera ás outras regiões da America do Sul. Porque, sem a collaboração de d. Pedro I., nossa independencia soffreria, pelo menos, o adiamento de um decennio. Portugal dispunha, no Brasil, de tres exercitos, e foi indispensavel que os chefes do movimento, auxiliados praticamente pelo povo — não pelos militares brasileiros, que na lucta pouco se distinguiram — supprimissem o subsidio ás tropas, envolvessem o filho do rei nas conspirações, na maçonaria, na cartada emfim, para que — vacillantes entre o pae que estava longe e não mandava instrucções definitivas, e o filho que continuou por algumas semanas a assignar os decretos como simples regente, e não como Imperador — os soldados lusitanos, excepção feita aos do bravo coronel Ignacio Madeira, embarcassem para Lisboa, deixando o Brasil livre de sobresaltos e o gabinete de 16 de Janeiro de 1822 apto para completar o

trabalho ingente que iniciara. Porque bastou que um desses exercitos, na Bahia, sem dinheiro e mal apetrechado, resistisse ás ordens emanadas da nova côrte, para que o norte do Brasil, que não pugnava muito pela independencia e parecia antes propenso á creação de um Canada latino, quasi escapasse á hegemonia fluminense — desastre que a tenacidade do primeiro ministerio e a sagacidade valente de lord Cockrane guerrearam, evitaram e venceram. Porque, finalmente, não existia então no Brasil um exercito politico ameaçando e supprimindo, com o cano das espingardas, a vontade nacional.

Houvessem proclamado a Republica em 1822, e o brado do Ypiranga — *Independencia ou morte* —, teria cedido logar immediatamente a esse outro brado : *Independencia e morte* !

Nossa patria, que fez o nosso orgulho no passado e que é no presente o alvo de nossas mais intrepidas esperanças, não teria tido senão a inviabilidade de um feto anemico, desconjunctado, como esses abortos de poucas horas que fornecem modelos a monstros sociaes de poucos annos (10). Supponde, por minutos apenas, o soldado proclamando a Republica em 1822, dizendo-se exercito e armada em nome da nação; supponde-o, em pratica de caudilhagem, dispondo da sorte de um povo, apossando-se do erario publico, prohibindo o exercicio do suffra-

(10) Novicow.

gio, amedrontando a população com a arma comprada pelo imposto e entregue para a defeza da integridade e da ordem — e apaga-reis, dentre as pompas que ennobreceram o Brasil, o semblante calmo, generoso, patriótico, desse major dos exercitos de Wellington, desse militar que frequentou a vanguarda nos tiro-teios de Nazareth e não recuou das linhas de Figueira, poeta, estadista e sabio, dando o exemplo — unico em toda a historia da Ame-rica, rarissimo no desdobramento da ambição humana — de revoltar um paiz, crear uma patria, e erigir um poder para que outros o exercessem(11)!

Ah! Não calumnies essa geração taxando-a de desobediente á vontade do povo e ás condi-ções de sua epoca.

Ella era brasileira. Seu orgulho naciona-lista tocava ás raias do extremo.

— E' preciso não conceder facilmente a honra de ser brasileiro! — gritava Antonio Carlos na constituinte de 1823, condensando num exagero o fervor patriótico da multidão que o applaudia.

A Patria acima de tudo. A Independencia e a Monarchia como fundamentos da Patria. Eis o aspecto da opinião nacional quando o poderio portuguez foi despedido e dispensado. Eis a razão dessa uniformidade em que se apoiou o Brasil para resistir, durante o primeiro imperio,

(11) Cesar Bierrenbach.

ao encerramento arrebatado da assemblea constituinte, á rapida tentativa revolucionaria de 1824, ao fracasso de Ituzaingo e á suspeita de que o monarcha, bravo e ignorante, caprichoso embora leal, preocupado com as incongruencias da politica portugueza, engendrasse projectos de absolutismo ou arrefecesse na observancia da constituição que jurara.

Mas quanta dedicação á causa publica! quanto respeito á moral e á humanidade através dos erros inevitaveis em uma nação que surge! O primeiro ministerio, tendo de contraminar a influencia portugueza no paiz, de governar sem constituição e sem uma lei de responsabilidade, de convocar e reunir uma constituinte, de crear marinha, arregimentar milicias, sustentar com honra o credito nacional, estudar e resolver reclamações diplomaticas, expellir ou dissolver a força armada que hasteava a bandeira das quinas; esse ministerio — sitiado de estorvos, toldado de embaraços, desviadas de continuo as suas deliberações — não derramou uma só gotta de sangue de um só cidadão, não fez verter uma só lagrima, limitando-se, em occasião penosissima, a dar passaportes, com todas as garantias de vida, a alguns inimigos declarados da causa nacional.

Comparae o que vos digo de hontem com o que hoje vemos; comparae bem, e quando ouvirdes accusações endereçadas á memoria dos que fundaram a Monarchia e solidificaram a unidade da colonisação lusitana no novo mundo,

affirmae, mas affirmae terminantemente, que nesses ataques predominam a inveja que roe e o sentimento da mediocridade que atormenta. (12)

— Porque esse governo — que durou apenas dezoito mezes — não decretou a emancipação dos escravos? perguntava-me, sobranceiramente, ha dias, letrado que tivera escravos até 13 de maio de 1888. Nem como dislate semelhante interrogação, na qual reconheço especimen de critica republicano-historica, se atavia com os fóros de novidade toleravel: siso egual inspirava a curiosidade daquelle cidadão eleitor que em 1881, no primeiro ensaio da eleição directa, dirigia ao candidato (e infelizmente o candidato era eu!) essa ingenua interpellação: — Porque não havemos nós de beber o nosso café? Para que mandal-o para o estrangeiro? (*Riso*)

Prosigamos, porém, em cousas sérias.

Incompatibilisado com a nação, recebendo o mandado de despejo nos incisivos topicos da resposta á fala do throno de 1830, não desejando continuar no Brasil, aproveitou-se d. Pedro I de incidente relativo á escolha de ministros para alliviar-se de um encargo, cujo desempenho já o não envaidecia com as auras da popularidade; recusou o offerecimento do disciplinado official Luiz Alves de Lima, que promettia dissolver, sem grande trabalho, o agrupamento sedicioso

(12) Coronel Martim Francisco.

chefiado no Campo de S. Anna por militares de baixa patente e um juiz de paz; despediu os da sua guarda de honra que se lhe haviam conservado fieis, aconselhando-os a que se collocassem ao lado dos companheiros desertores; escreveu com tal rapidez, ou com tal desdem, o acto da abdicção, que nelle nem declarou o que abdicava; recolheu-se, sereno e resolute, a um navio estrangeiro, e alli durante seis dias, prompto a desembarcar e castigar os rebeldes caso titubeassem na continuação da Monarchia e na aclamação de d. Pedro II, o imperador decahido, decahido porém não humilhado, pode talvez comprehender e medir a iniciação do militarismo na terra brasileira!

Sete de abril — e isto é ponto averiguado e these irrefutavel — não foi uma revolução: foi um motim. Não foi uma expansão da alma nacional emocionada; não foi uma victoria de aspirações existentes, ou em via de formação: ninguém desejava — e, entre outros motivos, porque ninguém esperava — a queda do moço que rompera com a patria velha para fundar a patria nova. Que elle não seria completamente constitucional; que o não estava sendo — eis os limites té onde chegavam as desconfianças populares (13), Houvesse, porém, d. Pedro I reagido — e dispunha de elementos para fazel-o com vantagem; ou houvesse cedido ás instancias dos tres juizes de paz que o tinham procu-

(13) Documento inedito.

rado — e as adhesões que, depois de sua partida tiraram do anonymato alguns barulhentos triumphantes, vel-o-iam acclamado com sinceridade menos duvidosa do que aquella que, em 1831, prefaciou no Brasil a cartilha do adhesismo.

Setenta e um annos apartam-nos dessa data perniciosa, lugubre, deshonesta. Quasi bestializado, bastante surprehendido por essas mesmas fardas que não haviam resguardado a Cisplatina e conservado para o neo-lusitano a posse do estuario que conduz a civilisação aryana ao centro do continente, o povo fluminense orchestrou, então, pela maneira que lhe tem servido de estribilho, a fastidiosa aria dos factos consummados.

Tende, como eu, a curiosidade paciente de consultar os documentos do tempo; lede os folhetos, os abaixo-assignados, os discursos das commissões por geração expontanea; manuseae o pamphleto de Silverio Candido de Faria — o capataz dos Avelinos da epoca — e, filiando os successos, explicando os effeitos, synthetizando as causas, concluireis que o 7 de Abril foi o ensaio dessa peça representada em 15 de Novembro de 1889 — peça que, como tragedia, faz rir da ingenuidade do povo, peça que, como comedia, faz chorar sobre as desgraças da Patria!

Mas em 1831 a calamidade tolerou restricções. A permanencia, nas aguas da bahia Guanabara, do imperador deposto, conteve a

desordem mais assustadiça do que assustadora: persistiu a Monarchia, e o exercito não se animou a impedir que o herdeiro do throno ficasse, no Brasil, como pupillo da nação. Triste, porém, triste e ensanguentado o summario desses nove annos e tres mezes de governo republicano! Programma? o retrocesso. Patriotismo? a mentira. Vantagem? a traição. Por pouco, por muito pouco, se não esboroa, abalado pela catapulta militar, o recente edificio da Independencia. A evlução delineada pelas reformas do seculo anterior fôra subitamente embaraçada pela epidemia americana do militarismo: em pleno vigor da juventude a civilisação brasileira recebia das bayonetas a intimação da decadencia. Cerca de oitenta annos de labutação e sacrificios, de organização e de pudor, quasi anniquilados em um momento, attestavam, mais uma vez, que nas sociedades como nos individuos o crescimento é lento e a podridão é rapida (14). O exercito guiava a destruição; a ambição guiava o exercito.

Regencia provisoria a luctar contra a demagogia bahiana e a reprimir as tropas em Olinda; regencia trina inquietada no Rio de Janeiro pelos batalhões amotinados; pela sedição em Outro Preto, pelo derramamento de sangue na Bahia e em Pernambuco; no extremo norte o Pará em desordem permanente, o Maranhão entregue aos *balaios*; assassinatos de presidentes

(14) Seneca.

no Ceará e no Rio-Grande do Norte ; saquea-se em Matto-Grosso, espingardea-se na capital do imperio, agita-se o paiz inteiro. O Rio Grande do Sul proclama a separação e bate-se por ella. Diogo Feijó — um braço sem cabeça — dá golpes a torto e a direito — Pompeu minusculo a provocar a illusão de que o alentavam profundas concepções ! — decidindo de tudo sem communicar coisa alguma aos amigos e admiradores, pela acceitavel razão de nada ter a communicar (15).

UM MILITARISTA (*gritando*): — Feijó era nacionalista. Deixemo-nos de monarchias.

O ORADOR: — Pergunto ao apartista: — por quanto me está interrompendo ? (*Movimento de adhesão no auditorio*).

Araujo Lima — cabeça sem braço — no governo candidato ao governo, antes occupando do que exercendo o cargo de regente, annullado pelas circumstancias, a procurar um degrau que lhe permittisse descer sem escorregar, ou escorregar sem cair. Admirae-vos ? Não podeis comprehender como a aventura regencial atravessou quasi dez annos ? Mas Republica é isso mesmo. O acaso reina, a balburdia governa e a força administra. E' isso mesmo : é o furacão que destroe, mas que tem um termo. E' o raio que estala, mas que cessa. E' a peste que mata, mas que morre.

Foi assim, não podia deixar de ser assim a

(15) Gaston de Boissier.

Republica regencial. A' proporção, porém, que a espada do barão de Caxias—o exemplar o mais limpido do general civil—pacificando pela heroidade, pela brandura e pela disciplina as regiões agitadas de nossa Pátria, as restituia á paz e á civilisação, o animo popular, em uma unanimidade que consorciava as reminiscencias do passado aos promissores desejos de um futuro que o arremedasse, ia voltando os olhares para o menino seu tutelado, cuja precocidade intelligente semelhava o reflexo da nacionalidade que lhe queria entregar a direcção dos seus destinos.

Não como uma surpresa, não como uma emboscada, mas após debate prolongado na tribuna e na imprensa, mas com os característicos de resolução longamente deliberada, de convicção demoradamente reflectida, sob o mando e sob a responsabilidade de vultos eminentes que haviam arriscado a vida e sacrificado a fortuna nas vicissitudes da Independencia, veio a aclamação da maioria demonstrar ao Brasil que fôra passageira, embora perniciosissima, a afflicção republicana do interregno regencial. Horrorizado, o enfermo reagira.

O remedio estava ao seu alcance : a Monarchia foi restaurada e o Brasil salvou-se.

Ah ! quanto e com quanta magua estremeceriam por nós os padecentes da febre republicana de 1831 a 1840, os sustentaculos da maioria, os timoneiros que salvaram do naufragio

a felicidade dos nossos antepassados, se, irrompendo das lapides que lhes encobrem as cinzas mortuarias, sobrepujando a tyrannia da morte como haviam vencido a tyrannia republicana, penetrassem na actualidade e, espectadores angustiados, verificassem que nós tolerámos a mesma tentativa inepta que sua repulsa havia revogado; testemunhassem que, decorridos setenta e um annos, o Brasil mais uma vez deixara collocar a barretina acima da lei e a liberdade abaixo da espada!?

Que? A mesma tentativa? Não! Não equiparemos a rapidez do prologo á prolixidade dos actos. Não attribuamos á brevidade da premissa o distendimento das consequencias. Sete de Abril não é Quinze de Novembro. Bem como os homens, os acontecimentos variam de physionomia, desegualam-se na estatura. Semelhança não é uniformidade; analogia não é coincidência.

Sete de Abril foi, no ceu da Patria, o cair de uma noite tempestuosa; o negrume, porém, do cataclysmo não apagou de todo, na alma popular, as scintillações da esperança, nem o rugido dos trovões logrou amortecer no brasileiro o fogo do patriotismo. Exilaram o monarcha, mas respeitaram a Monarchia.

O poder, lacaio do militarismo a principio, vehiculo do despotismo em seguida, não se emancipou, como hoje, da palavra falada ou escripta a promover a opinião, da opinião que fiscalisava os actos do executivo; o executivo

prestava, mais ou menos, contas aos deputados e á imprensa, mesmo quando eram as suas attribuições exercidas pela desmoralisação apurada de Aguilar Pantoja ou pela brutalidade agaloada de Tristão dos Santos. O raio da arbitrariedade, quando queimava o direito do povo, illuminava ao mesmo tempo o talento de Lino Coutinho, a franqueza de Honorio Hermeto, a verbosidade de Francisco Ramiro, a amenidade de Maciel Monteiro, a capacidade de Alves Branco, a eloquencia de Montezuma e a supremacia estupenda de Limpo de Abreu. Tinhamos desgraças, porém tinhamos homens. Havia infortunio, mas havia civismo. Prevalecia a desventura, mas existia a repulsa, e repulsa apparelhada e manejada pela altivez sem sophismas obrigatorios, sem conchavos exigentes, porque, em regra, o politico era mais pobre ao retirar-se das altas regiões do que quando as galgava. Não o amedrontava, como um accusador, o setimo mandamento do decalogo (*Riso*).

Com todas as suas incoherencias, com todas as suas anormalidades, os politicos regenciaes não conheceram, senão pela superficie, essa ostentação de uma optica moral defeituosa, complicada de falsidade incuravel, que constitue hoje a edade de oiro dos ineptos expertos e dos gananciosos audazes.

Diogo Feijó, que applaudira a dissolução da constituinte á ponta de bayoneta, que mandava espingardear o povo, que promettia amnistias mas ordenava fuzilamentos, que traía impuls-

vamente amigos e inimigos, ideas e compromissos, quando os reclamantes o procuravam queixando-se ou protestando, convidava-os a que se assentassem em duas velhas canastri-nhas, porque o regente do imperio não tinha cadeiras em sua casa! Mesmo os politicos frios, (os que, como o marquez de Mont'Algre, tendo em segundo plano apparecido como resistentes á Independencia, aos erros do primeiro imperador e á maioria, desses tres importantes successos extrairam posições e prebendas) quando contrariados e materialmente desrespeitados, não se retiravam para a Europa tlintando moedas: permaneciam no paiz, interessando-se pela marcha das coisas publicas e respondendo ás censuras dos adversarios. Não! que naquelle tempo Filetos e Ramalhos não se compendiavam na sentença do satyrico: — Perdi a honra, mas guardei o dinheiro (16).

Bernardo de Vasconcellos dava as costas á democracia, mudava desrespeitadamente de partido, mas educava tanto a intelligencia, preparando-a tão doutrinariamente, que do seu cerebro, pouco depois, saía a lei de 3 de Dezembro numa noite!

Pullulavam as perseguições, inchava o repertorio das illegalidades, mas o Acto Adicional ampliava a Constituição, legislava-se contra o trafico de africanos, regulamentava-se a inspecção de saude do porto do Rio de Janeiro.

(16) Juvenal.

determinava-se um circulo de attribuições ás presidencias de provincias. A victoria do erro não era completa. A lei e a liberdade ainda respiravam. Pois nem assim; pois, apesar desses intersticios de brilhantismos individuaes, administrativos e politicos — actos que, se por si valem, mais valem como argumentos probantes do quanto iria alem o adeantamento do Brasil se d. Pedro I. aqui houvesse fechado o cyclo de sua existencia—, pois nem assim a Republica foi viavel. — Já estamos cansados de Republicas ! exclamava Alvares Machado, em 1840, traduzindo, entre acclamações inexcediveis de sinceridade, o pensamento, a aspiração e as exigencias do povo. — A maioria satisfaz legalmente aos votos e á maior necessidade da nação: as coisas estão no ponto em que só é reconhecida a lei das leis, a da salvação publica! — escrevia no *Despertador* a penna incipiente do futuro auctor do *Libello do Povo*. (17)

E a restauração verificou-se. E o Brasil retomou o seu rumo.

Panduntur portæ (18). Começa o segundo reinado. Fitemol-o respeitosos. O edificio, levantado em cincoenta annos e derribado em cincoenta minutos, lá está, erecto, inteiriço, nos humbraes da historia, alongando sobre a Patria moribunda sua sombra benefica e amena, accor-dando a nossa saudade e prestando, mesmo aos

(17) Torres Homem.

(18) Virgilio.

dementes que oderruiram, o obsequio de defendel-os contra os appetites robustos da voracidade estrangeira.

Sim: não nos illudamos: a reminiscencia do imperio, a repercussão da sua respeitabilidade, e, acima disso, mas consequencia disso, o receio de que, enxotando os phariseus do militarismo, o brio nacional ordene ao paiz amortecido: — Ergue-te e caminha! — são para a nossa integridade territorial e para a nossa independencia politica defesas mais valentes do que uma marinagem briosa, mas sem navios, e um exercito bem pago, mas sem disciplina.

Em tamanho, a allucinação acovardada de que o Brasil foi victima em 15 de Novembro de 1889 só ve um parallelo no pasmo com que as mentalidades sensatas e os centros civilizados do planeta receberam a noticia de que dezoito milhões de almas haviam, estolidamente, obedecido á intimação de seiscentos soldados traiçoeiros com a mesma resignação com que, ao pôr do sol, o gado das fazendas, obediente ao assovio do feitor, procura cabisbaixo a porteira do curral!

Pelos fructos conhecereis a arvore — preceitua a lição biblica. Pois bem: como o segundo reinado recebeu o Brasil? como o entregou? Recebeu um pygmeu adoentado, entregou um gigante vigoroso. Recebeu-o com cinco milhões de habitantes; entregou-o quasi quatro vezes mais povoado. Recebeu-o com a moeda depreciada e com a crise do cobre a

atrapalhar a administração ; entregou-o com o papel valendo mais do que o oiro. Recebeu-o revolucionado ; entregou-o em completa paz. Recebeu-o dos braços do povo ; foi obrigado a entregal-o á esteira das tarimbas. Recebeu-o das mãos de estadistas eminentes ; foi obrigado a entregal-o a falsarios da liberdade. Recebeu-o entre aclamações á luz do dia ; teve de entregal-o, á noite, á força que o insultava, que o embarcava escondidamente, sorrateiramente, com a mesma argucia com que o visitante nocturno, espreitando, reparando, occulta o objecto subtraído á propriedade alheia.

— Como cresce um povo ! dizia-se no decurso do segundo imperio. Diziam-no Agassiz e Couty ; pensava-o Victor Hugo.

— Como apodrece o Brasil ! é o que se sabe, é o que se sente, é o que se pensa, é o que se affirma irretorquivelmente depois de doze annos de escravidão, de martyrio, de plebiscito contra o character nacional, contra o direito, contra a lavoura que soffre, contra o commercio que geme, contra a moral que estrebucha, contra a Patria que morre ! (*Sensação.*)

Vêde : ninguém está contente. Ide a qual-quer das grandes cidades do paiz ; encostae-vos a uma das esquinas de rua frequentada, e notae : ninguém ri. Tambem de nossos lares desertou a alegria ; e ainda nos menos desditosos residem as apprehensões. A gargalhada expansiva dos nossos antepassados desapareceu ao contacto

dessa hypocondria que a solidão produz e que a loucura visita.

Como que o padecimento se totalisa ! Oh ! a Republica não é, no Brasil, uma fórma de governo : é uma molestia. Não argumenteis com ella : eliminae-a. Eliminae-a, ou eliminae-vos. O dilemma que ella vos impõe é : — mata-me ou morre ! — como o monstro antigo impunha ao viandante tremulo : — decifra-me ou devoro-te !

Quadro afflictivo ! Prestito funerario encommendado por herdeiros illegitimos que já esbanjaram da fortuna do enfermo o que lhes esteve ao alcance da mão ; presa tombada aos golpes das manoplas dos que em terra imitam a convicção daquelle pirata cujos cantares terminavam com o verso : — tudo quanto avisto é meu ! (19) — eis o que é, eis a que está reduzido o Brasil, a cujos amigos dedicados, a cujo sentimento monarchico só é permittida a profunda convicção de que a Patria será maior do que o seu esquite !

Senhores : o segundo imperio foi a harmonia do prestigio na politica externa com a bondade na politica interna. Amnistiou os revolucionarios de 1842, 1844 e 1848 ; recusou comparecer ao *Te-Deum* que a colera partidaria cantava no Rio-Grande do Sul ; deu do bolso particular do imperante pensão á viuva de Nunes Machado (20), livrando-a das agruras da

(19) Antonio Serpa.

(20) Documento inedito.

fome (*Nota E*); tentou e alcançou durante alguns annos — excepção interessantissima ás normas dos prelios politicos — a conciliação dos partidos; conseguiu, a despeito do pendor absentheista do brasileiro, melhorar o regimen eleitoral, dando cadeiras nos parlamentos aos portadores de todas as ideas. O paço de S. Christovam, pobre de moveis luxuosos, rico de honestidade, exemplo inexcedivel desse sentimento de familia que é a associação de todos os dias (21), sem fausto, mas com bibliothecas e instrumentos scientificos, era a suprema instancia a que recorriam o direito desattendido e o padecedor torturado.

Com que empenho, com que minuciosidade, com que carinho, com que dedicação o imperante, alli e dalli, tudo examinava, tudo esquadrihava. O presidente de provincia, recém-nomeado, ouvia com o accrescimo de recommendações especiaes sobre os serviços publicos, o relatorio de tudo o que fizera o funcionario ao qual tinha de succeder; e, ao deixar a administração, soffria em S. Christovam prolongada sabbatina. O imperante trabalhava muito, trabalhava sempre. Dormia tarde; acordava cedo. Nunca a indolencia lhe interrompeu a actividade. Consagrou dez lustros da existencia ao estudo e á solução dos problemas de sua terra.

Ganhava bastante, é verdade: ganhava oitocentos contos por anno, mas os empregava

(21) Aristoteles.

de maneira tão original, que partiu para o exílio pobre, deixando o paiz rico, ao passo que os seus successores vivem ricos deixando o paiz pobre.

Desprendido da subservencia ao dinheiro, jamais suspeitado de uma cogitação improbi-dosa, seu exemplo fructificava duplamente: animando os bons a persistirem no bem, decidindo os maus a respeitarem a virtude. Não raro, a posição politica saliente era a synonymia da indigencia; o cargo de ministro de estado equivalia a um posto de sacrificio.

Para occorrer ás despesas do funeral do visconde do Rio-Branco a familia entregou a livraria do estadista ao martello do leiloeiro. Buarque de Macedo morreu com 2\$400 rs. na carteira. Lidei com ex-ministro que, para retirar-se da côrte, acceitou de alguns amigos o pagamento da passagem a bordo de um paquete. Só quando em funcções, tinha o conselheiro de estado passe gratuito nas estradas de ferro. O pudor dos deputados governistas não consentia durante o imperio a acceitação de trens especiaes. As proprias ajudas de custo, estabelecidas por lei, eram objecto de caprichoso exame na repartição do thesouro.

Como isso era nobre! como era limpo! como era brasileiro! E como vai tão longe! A pobreza não correspondia a um estigma. O poder, os louros, as eminencias da vida publica abriam-se ao merito, desde que o merito fosse honesto. Democracia coroada, como a chrysmou Bartho-

lomé Mitre, nella os estadistas, fortalecidos na opinião e na consciencia do dever, replicavam ao imperante, contrariavam-no de frente, sempre que o julgavam mal enveredado, e sem que essa sobrançeria patriótica os incompatibilisasse com as sympathias do throno. Em pleno conselho de estado, o velho marquez de Olinda proferia a conhecida phrase:—“Os descendentes daquelles que sabiam desobedecer o rei para melhor servir o rei são capazes de desobedecer a vossa magestade para melhor servir o povo., — “Não assigno esse desacerto; prefiro a demissão immediata., pronunciava Zacharias de Vasconcellos, sem que o imperante duvidasse dos seus sentimentos monarchicos.

Que de mais natural, senhores, que de mais coherente, que de uma governação assim dirigida, assim observadora da probidade, assim frequentadora da honra, adviessem actos grandiosos? Que de mais explicavel que a viação-ferrea atravessasse as montanhas que separam os nossos planaltos dos portos que bordam o nosso alongado littoral? Que o decreto da emancipação dos escravos fosse escripto não com o sangue das victimas mas com as lagrimas da alegria? Que as discussões de 1856, 1861, 1867 e 1870 titulassem de gloria os nossos annaes parlamentares? Que a tolerancia tivesse tão repetido ascendente em nossos costumes, tanto se avantajasse em nossas divergencias internas, que passasse quasi despercebida, como procedimento banal, como acto vulgarissimo,

a magnanimidade com que o paulista José Manoel da Fonseca, conservador teimoso, depois de haver fornecido ás forças governistas dinheiro, mantimentos, armas, para a derrota dos revolucionarios de 1842, quando os visse batidos e destroçados, lhes offercesse, nas suas fazendas, o asylo contra os provaveis exageros da victoria? (*Applausos*).

E na politica externa? Os empecilhos desfaziã-m-se à evidencia da nossa força moral; os choques armados epilogavam-se nos nossos triumphos; os nossos triumphos tinham como fecho a bizzarria da generosidade. Era a poderosa Inglaterra, superada pela arbitragem na questão Christie, só obtendo o reatamento de relações com o imperio annos mais tarde, quando o primeiro magistrado da nação, fardado de voluntario da Patria, concedia a vida e a liberdade a seis mil prisioneiros nas linhas de Uruguayana. Era o protesto, elevado e firme, humanitario e brioso, contra o bombardeamento de Valparaiso. Eram Tonelero, Paysandu, Riachuelo, onde ao lado de cada soldado que morria havia um bravo que chorava (22). Era o Paraguay vencido, completamente vencido, com os seus limites respeitados, sem ter que entregar ao Brasil um palmo de territorio! Eram Arinos, Lafayette, Andrade Figueira, Aguiar de Andrada, representando nosso paiz nos congressos internacionaes, ouvidos com voto deliberativo no desenlace dos

(22) Martim Cabral.

grandes problemas da civilisação e no desembaraço dos complicados interesses dos povos os mais adeantados e poderosos da terra!

Não; os banquetes do poder nas festas do imperio não eram interrompidos pela importunação dos fornecedores. Não! as iguarias distribuidas aos convivas desconheciam esse destempero de telegrammas londrinos a produzirem indigestão de paciencia. O banqueiro inglez guardava para as paginas humoristicas de Martin Chuzzlewit (23) a originalidade do criado intervallando de apartes as garfadas saborosas dos patrões. Não! Mil vezes: não! No Brasil monarchista, nem por mera conjectura, nem por estúpido agoiro se poderia imaginar que o primeiro funcionario do paiz, em orgia solemne, mas afinal em occasião claramente politica, convencionalmente nacional, alvarmente sorridente, abatido, confuso, escutasse de um negociante, que sem talher designado lhe examinava o cardapio e os guardanapos, essa insolencia sem precedentes: — Brasil, repara bem que estás comendo á minha custa!

No segundo reinado, os protocollos e as indemnisações aos governos estrangeiros não terminavam pela distribuição de saldos — confissão tacita de excesso nos recebimentos — porque... porque elle não conheceu indemnisações e o saldo que então avultava era o saldo da dignidade nacional.

(23) Charles Dickens.

Mas o imperio caiu. Mas o coloso tombou. Dois acertos lhe haviam preparado o berço: a extincção das capitánias e a reforma da Universidade de Coimbra. Dois desacertos, tambem um de politica externa, tambem outro de politica interna, lhe prepararam a queda. Vou expol-os com a franqueza que me domina a consciencia, arriscando-me embora a desgostar opiniões do numeroso e distincto auditorio que me obsequia com a sua attenção.

Senhores: a derradeira phase da guerra do Paraguay oscilla entre um crime e um erro: crime, na omissão intellectual dos estadistas que lhe não calcularam os resultados; erro: porque o inimigo debellado e quasi desarmado, implorando a paz, dando satisfações ao nosso justo orgulho, accedia a todos os reclamos relativos á navegação fluvial e ás communições de Matto-Grosso com o exterior — motivos allegados pelo Brasil perante o mundo para explicar a invasão do paiz inimigo. Lopes Netto, o sagacissimo diplomata, já nos havia angariado a neutralidade sympathica da Bolivia; era-nos grato o Chili: nossa bandeira já havia inscripto entre seus brasões tantos e tão impereciveis attestados de gloria! A abertura do estuario amazonico ao commercio universal, respondendo frisante e efficaamente ás calumnias de E. Reclus e aos artigos venalisados da imprensa que nos insultava, modificara, na Europa, a opinião que nos fôra adversa. Duas vezes haviam navios norte-americanos rompido o

bloqueio effectivo que o Brasil declarara, e que era realisado com todas as formulas e seguranças possiveis.

Porque e para que, nessas condições, insistir em uma guerra já não muito merecedora do justificado frenesi que lhe servira de exordio? Para que, em um paiz de lavradores, com populações desarmadas e não agglomeradas, em um paiz rodeado de republicuetas militarizadas, proporcionar á caserna ambições de mando?

Os resultados, que não tardaram, fornecem resposta cabal a taes perguntas. Quando os batalhões se recolhiam das campinas paraguayas; quando o povo, em expansões vertiginosas, saudava esse pendão auriverde que partira com o patriotismo e voltava com a victoria; quando os voluntarios da patria, os corpos de policia e os de guarda nacional — sem cujo auxilio o exercito brasileiro não teria passado alem de Goya e talvez houvesse cedido armas e bagagens ás cohortes de Solano Lopez — dissolvendo-se, licenciando-se, iam no descanso do lar, no seio da familia, gosar da tranquillidade que o derramamento do seu sangue havia assegurado, alli, no Rio de Janeiro, nesse mesmo Campo de Sant'Anna onde o Sete de Abril deixara sementes, e onde o Quinze de Novembro rebentaria em brotos, os soldados de linha, ameaçadores, indisciplinados, furiosos, desrespeitavam o poder civil, tentando impor ao monarcha, que teve a hombridade de não os attender, a demissão immediata do ministro da guerra!

O imperio foi alluido pelos majores e capitães da guerra do Paraguay. Esses subalternos, desgostados pela paz que lhes retardava as promoções, zangadissimos porque o ultimo gabinete da Monarchia os chamara da expedição de Porto Pacheco, onde recebiam soldo dobrado, e os recolhera ao Rio de Janeiro onde se deviam contentar com o soldo simples, avançaram subitamente contra as instituições fundamentaes do paiz, apossaram-se dos erarios geral e estaduaes, como o copeiro, em accesso de esfaimada loucura, toma do trinchante, ameaça os patrões, expulsa-os da meza e, sentando-se á cabeceira, convida a criadagem a que occupe os logares que o medo e a surpresa haviam esvasiado.

As duas patentes superiores que, constrangidas e enganadas pelos subalternos, encaparam a responsabilidade dos ultimos ensaios da perfidia, arrependidas e envergonhadas, apparecem na historia viivas dessa scintillação que, ao choque das batalhas, lhes havia aureolado a fronte e amparado a fama. Uma, o visconde de Pelotas, o vencedor de Aquidaban, realisando a prophecia do barão de Cotegipe, fallece victimada, desrespeitada e triste, derramando lagrimas de sangue. Outra, Deodoro da Fonseca, só quebra o silencio dos seus ultimos momentos para prohibir que lhe vistam o cadaver com essa mesma farda que commandara a desgraça da Patria.

Houvessem cessado as operações, houvesse

terminado a campanha ao serem transpostas as baterias de Humaytá, e a gangrena do militarismo, curavel em suas primeiras manifestações, não teria contaminado os quartéis, perturbado o funcionamento do poder civil e decepado repentinamente a estatua da lei.

Na politica interna, porém, o erro, embora menos intenso, teve tambem seu effeito arruinador. Guardava a coroa a prerogativa da escolha senatorial em listas triplices, onde, em regra, alcançavam entrada cidadãos que dispunham de influencia nas localidades provinciaes, vultos que mantinham, a despeito das alternativas, das ascensões e quedas dos partidos, nomeada que os salientava, amigos que os não abandonavam. Por mais que variassem as explicações de momento, facto real e caso evidente eram que a escolha de um significava a preterição de dois. E ninguem ve com olhares imparciaes a propria preterição, e preterição publica, na carreira que escolheu. Mesmo quando a justiça impera a vaidade persiste. Ninguem festeja a exclusão que o atrazou. E assim, a cada escolha senatorial correspondia para o monarcha — não directamente para a Monarchia, diga-se a verdade — resfriamento de sympathias em zonas onde os concorrentes preteridos possuiam determinada ascendencia.

O accordo desses dois factores, mesclando-se a outros incidentes que lhes estavam filiados, aterrorisou com a audacia do golpe, conflagrou com a precipitação da insidia, em 1889,

o Brasil desarmado e confiante. Os murmurios militares no Rio Grande do Sul, as preocupações da lavoura quanto á substituição do braço, as rivalidades no paço do Senado, onde um terço dos membros aspirava á presidencia do conselho, e algumas conferencias republicanas proferidas pela sincera e lamentavel convicção de Silva Jardim, concatenaram os pretextos e canalisaram o auxilio á surpresa que o militarismo premeditava. Já em 1886, o amigo mais intimo do imperante, o visconde do Bom-Retiro, estadista notavel pelo estudo e pela honestidade talentosa, com admiravel previdencia, em carta que enriquece o meu archivo, julgava a Monarchia abalada, não em seus fundamentos, mas em seu exercicio (24). (*Nota F.*) Pouco antes, porém, do desastre de 15 de Novembro de 1889, um facto caracteristico, creio que hoje pela primeira vez trazido a publico, proporcionou azo á demonstração de quanto os governos leaes e as administrações puras e sérias devem mais receiar dos amigos farçantes que dos inimigos declarados.

Estava no poder o gabinete João Alfredo. Iam começar os trabalhos da sessão parlamentar de 1889. Pela primeira vez, no segundo reinado, o partido liberal chegara á maioria no ramo vitalicio do parlamento. Reunidos, os senadores liberaes deliberavam a indicação do conhecido politico José Antonio Saraiva para presidir a

(24) Documento inedito.

respeitavel corporação, quando um voto divergente se externou impugnando essa escolha: o visconde de Ouro Preto argumentava contra a eleição de seu correligionario. — Que durante doze annos, dizia o chefe mineiro, o partido conservador, em maioria no senado, tivera a longanimidade de entregar a presidencia ao visconde de Abaeté, a mais veneravel tradição liberal do paiz; que, na cadeira de secretario, esse partido consentira em collocar um dos revolucionarios de 1842; que a lealdade mandava corresponder a tanta cortezia com egual delicadeza de procedimento; que, alem disso, o proprio interesse politico estava ensinando á maiorialiberal a escolha do conselheiro Paulino José Soares de Souza, pouco adheso ao gabinete João Alfredo, para a honrosa posição que o conselheiro José Antonio Saraiva desejava acceitar. E assim se venceu. E assim se fez.

Agora, senhores, a parte occulta da medalha. Na ante-vespera do caso que vos estou relatando, o conselheiro Paulino de Souza, ex-ministro do imperio, antigo presidente da camara temporaria, chefe incontestado e nunca contrariado do partido conservador na provincia do Rio de Janeiro, conselheiro de estado desde 1876, depositario da confiança da coroa por innumerous motivos — quando o velho imperador enfermara, quando o militarismo afiava a espada e os dentes —, convocara para uma reunião secreta os sub-chefes que o obedeciam, os companheiros monarchistas que nada resol-

viam sem o consultar, e contractava com elles a queda immediata do imperio ! A' sagacidade patriotica, á superioridade calma e discreta do visconde de Ouro Preto, á indicação do conselheiro Paulino de Souza para a presidencia dos trabalhos do senado em 1889, deveu a Monarchia alguns mezes mais de vida, e deveram as paginas da nossa historia o não apparecimento de mais uma traição, cuja tentativa a Republica de 15 de Novembro, aliás, alargadamente recompensou com o mesmo sorriso zombeteiro com que Satanaz, no inferno em festa, restituira a Judas o beijo que levara Christo ao caminho do Calvario (25). (*Pausa — Sensação*).

Subira o panno. Começava trapalhona-mente a tragi-comedia. Os imperiaes marinhheiros eram fuzilados. A bondosa imperatriz era atirada, com seu esposo, á tolda de um navio. Ministros decaidos tinham na enxovia a antecamara do desterro. Annunciavam os sargentos uma subscrição para pagamento da divida externa. Uma portaria alcoolizada dividia o Brasil em satrapias, conferindo a cada ministro do governo revolucionario uma faixa de influencia. Votava-se, em um congresso sem votos, uma constituição sem syntaxe. Silveira Martins, desterrado, escutava em Paris a phrase ironica de Renan : — Oh ! o Brasil deve ter muita gente notavel para dispensar e desterrar homens da estatura de v. exc. ! Proprios nacionaes eram

(25) Gianni.

entregues a clubs como mimos em dia de anniversario. Um governador decretava feriado porque a filha tinha de fazer o baptisado de uma boneca. Nascem já crescidos os bancos de emissão ; num delles, o director, ao assignar as notas, esquece o proprio nome ! Um mestre escola de cidade mineira assume as proporções de inspector dos ministros. Com a despesa de uma folha de papel e a colla de uma estampilha, individuos pauperrimos transformam-se em grandes proprietarios territoriaes. Joga-se, joga-se delirantemente : na bolsa do Rio de Janeiro obtem cotação titulos de uma empreza bancaria organizada para desenvolver a compra de flores artificiaes — isso em uma região onde as flores naturaes não escasseam ! E as adhesões a tanta loucura, e o enlace a tanta sandice engordavam as columnas do jornalismo governista na razão directa das chicotadas que os militares vibravam contra a liberdade de imprensa ! Entes que deviam á caridade imperial até os livros onde tinham travado suas primeiras relações com o alphabeto adheriam, adheriam ás escancaras, encaixavam-se no regimen inaugurado, a elle se unificavam como esses companheiros do viajante imaginario, cedendo ás insinuações amorosas das mulheres-vinhas, perdiam a mascula pessoalidade, lançando repetidos galhos das alteradas virilhas. (26)

— Integremos a America ! Consolidemos

(26) Luciano de Samosate.

as instituições! Unifiquemos o nosso continente! berrava-se, vociferava-se com esse entono enfurecido que a critica de Nordau apprehendeu nos paragraphos desengonçados de Frederico Nietzsche. E os Arrhideus intellectuaes, inhabeis para soerguerem a herança nacional, discorrendo e intervindo com a immodestia dos lacaios das comedias de Terencio, alardeiavam competencia para discutir constituições e codigos, discernir e discriminar reformas, apreciar finanças e sociologia, transplantando para o Brasil, latino e, na sua maior parte, torrido ou temperado, trechinhos de legislação norte-americana adaptaveis preferencialmente ao saxonio e á fita civilisada do septentrião.

Desculpavel, melancolicamente desculpavel essa mania imitadora: no idiota mais impressionam as grosseiras semelhanças da cor e da fôrma. (27).

Estampas secundarias na politica monarchica, promovidas a notabilidades republicanas, e esboçando o estalão intellectual do novo regimen, ageitaram-se sem recalcitrar, e invocando a inopportunidade de uma nova mudança de instituições, aos chefes, ás empresas, aos dilates vencedores, procurando gosar cumulativamente da commodidade do vicio e da reputação da virtude. (28)

A primeira eleição presidencial, apurada medrosamente por um congresso de desoccu-

(27) P. Sollier.

(28) Lesage.

pados antigos e subsidiados recentes, emparelhou em consciencia e illativa irmandade com as promoções por aclamação, resolvidas pelo desvario empanzinado que se recreiava com a amostra do quanto podiam a mochila e a tolerancia inventar e padecer uma sociedade ás avessas!

A bota de Carlos XII, a prévia recompensa de Zamora e o consulado quadrupede de Incitatus haviam deixado sementes governamentais que vieram fructificar no Brasil, reunindo, como toda a mistura anthropologica com origens assás distanciadas, as qualidades ruins da multipla ascendencia. (29)

O indice de 15 de Novembro de 1889 pode ser publicado em um capitulo: o exercito revoltando-se contra nação; a creatura revoltando-se contra o creador. E não acrediteis que, passados doze annos, alterados os arabescos, renovada a pintura, a essencia do monstro architectonico haja realisado accentuadas mutações. Não: estamos hoje nas mesmas condições generalizadas em que o 15 de Novembro encontrou o paiz: supprimi o exercito e, em vinte e quatro horas, a nação proclamará a Monarchia. Quebrae o sabre que fere o coração da Patria; dissolvei o policialismo que intimida as presidencias dos estados; annullae as commissões centraes que exercem prerogativas super-constitucionaes e contam e recontam, um anno antes, os votos

(29) Alberto Salles.

que não entram nas urnas; acabaes com essa impunidade que homologa a alliança offensiva e defensiva da moeda falsa com o licenciamiento do direito criminal; corriji a vertigem de ex-provincias, como Espirito-Santo e Amazonas, com representantes na Europa esbanjando á larga o que os credores impertinentes não recebem á porta dos thesouros estaduaes e vão exigir do poder central como o agiota, promovendo escandalo, recebe do chefe da familia o que dera em emprestimo ao menor perdulario; envergonhae-vos dessa anomalia de um club militar armado, fardado e bem pago, existir, discutir, deliberar sobre negocios publicos em presença do parlamento e á ilharga do poder executivo; sim: sacudi a vossa lethargia; supprimi ou reprimi tudo isso que encurva o exercicio do civismo, que tolhe vossos movimentos, que atraza o Brasil, e que vos impede de dizer ao estrangeiro: — Somos cidadãos de uma patria livre — e a Republica se dissipará como um pesadelo que foge, e a Republica se extinguirá como um cancro ao cauterio do vosso brio!

Não, não vos deixeis illudir pelos palliativos com que alguns excluidos de hoje procuram aviar as suas receitas para amanhã.

Quando vos disserem: — Não era esta a Republica que sonhavam —, replicae: — Republica no Brasil sò mesmo em sonhos! Quando vos offerecerem como remedio a dictadura, respondei de accordo com a convicção popular e com as tradições brasileiras: — Pre-

ferimos a liberdade : a Monarchia foi a liberdade e a progaganda monarchica visa e pretende a reorganização da liberdade.

Concertar a Republica? Que!? Pois terá concerto essa psychiatria politica que bestialmente começou nomeando cabalistas campineiros generaes de brigada e, após doze annos, não deixa nos hospicios de alienados um logar vasio ! Onde arranjar concerto para essa erupção de crueldade que assassinou Batovy, trucidou Paula Freitas e Serro Azul, fuzilou o sargento Silvino, inutilisou Custodio de Mello e supprimiu Saldanha da Gama ? !

Confessa e declara o exercito ser o sustentaculo das actuaes instituições. E' exacto. E' completamente, é vergonhosamente exacto. O paiz quera Monarchia ; o exereito quer a Republica. E a vontade do exercito está contrariando a vontade do paiz.

Sabe qualquer principiante em sociologia, ensina-o qualquer livrinho de direito, que á força publica incumbe defender as instituições ; escolhel-as, proclamal-as, sustental-as é attribuição pertencente á soberania nacional. Uma classe — classe armada ! — decidir exclusivamente da fórmula governamental de um povo é asneira que desafia o escarneo, que provoca o tedio.

Bem o sabeis: hoje no Brasil os republicanos são em numero muito menor do que em 1889. Havia então a esperança; hoje ha a desillusão. A Republica falhou: esta é a verdade. E é nestas condições que o exercito, desembai-

nhando as espadas, diz insistentemente ao povo:
— Acompanhae-me ou vos espancarei?!

Senhores: é missão da força armada governar o governo, legislar não obstante a lei? E' isso regular na trajectoria da civilisação e no ponto em que ella se acha no Brasil? Não é isso primitivo, barbaro? O pulso contra o cerebro? O revolver contra o livro? Pois ha alguém que acredite que intenções patrioticas alicercem semelhante brutalidade?

Porque emmudeceram essas intenções quando o cadaver de Carlos Gomes — o representante o mais legitimo que o Brasil tem tido nos dominios da arte — em peregrinação de norte a sul, traduzindo na harmonia dos soluços que o acompanhavam o sentimento profundo da unidade nacional, esbarrava em nossas aguas territoriaes com o canhão italiano em demanda de indemnisações?

Porque essas intenções, que se disfarçam com os ademanes do patriotismo, fingem não ouvir o grito angustioso de alerta com que o povo brasileiro denuncia a entrega do coração da America do Sul, na riquissima região do Acre, a um syndicato de New-York?

Porque, cerrando os olhos ás manobras da canhoneira americana que, sem licença, bordejou as margens da nossa mais prolongada arteria fluvial, o militarismo brasileiro acceita no novo mundo — amedrontado? calculadamente? — o encargo de testamenteiro de Cecil Rhodes?

— Que lhe não cumpre intervir no governo

interno da Bolivia, responde a farda, por intermedio da presidencia da Republica, a essa interrogação feita pela lavoura, pelo commercio, pela industria, por todas as classes que contractaram e pagam o exercito para que este defenda a integridade da Patria, livrando-a de perigos externos, e não para que substitua o viramundo de hontem pela chibata de hoje. Ridicula resposta ! Subterfugio alvar ! Como se o proprietario e morador de uma casa fosse obrigado a consentir que o visinho lhe puzesse em risco a salubridade e a vida !

Porque falhou o soldado com o seu concurso quando o povo, nervoso e impavido, protestava contra a bandeira ingleza a tremular no rochedo da Trindade ?

Porque se não apresta o militarismo para enfrentar com o perigo germanico que — lá desses areas sul-africanos onde o calculo de Bismarck mandou arranjar portos, e donde, em seis dias, a esquadra allemã, trazendo zulús exercitados no manejo de armas modernas, pode partir em injuriosa visita á sonhada Allemanha austral — escancara a guela emquanto o Paraguay facilita á Companhia de Hamburgo a chegada á Assumpção, e quando o governo de S. Paulo contráe emprestimos com firmas allemãs, alisando assim a estrada que dará, em nosso paiz, passagem á diplomacia e ás armas da primeira potencia européa ?

Illuda-se quem quizer ser illudido. Não, eu: eu que sei amar a Patria, eu que só tenho receio

de não poder amal-a bastante. O exercito que, pretextando apagar um incendio nas bagagens, panicamente fez de Ituzaingo a derrota de uma victoria ; o exercito que, em Monte-Caseros, só appareceu em apreciavel parcella, porque o tino de Caxias duvidou do merito dos que impatrioticamente e em terra estrangeira sapa-teavam sobre as condecorações nacionaes ; o exercito que pegava escravos fugidos... Não: esse exercito não nos assegurará a tranquillidade, a integridade territorial e o respeito das nações ambiciosas. Recuará, debandará na hora extrema da desgraça; recuará, debandará deixando a defesa do Brasil entregue ao unico general notavel que temos hoje contra a invasão estrangeira : a febre amarella! (*Risadas*)

Misera integridade da Patria! Que fim levarias tu, se teus dias estivessem á mercê dos que te desintegraram do direito e da liberdade !

A principal qualidade do soldado é a disciplina, e o militarismo no Brasil é a indisciplina ingrata.

A primeira qualidade do homem é a generosidade, e o militar brasileiro queimou á dynamite o jagunço, extinguindo, em favor do estrangeiro, aquelle que seria o boer americano quando a polvora sem fumaça e a artilheria com alcance de trinta kilometros tentassem transpor as nossas montanhas e devassar os nossos sertões.

Conta o exercito, no perigo que se aproxima, com o soccorro do voluntariado como em

1865 ? Mas as circumstancias independem da imaginação : ellas são mais despoticas do que a vontade. Mas o povo não tem armas, o governo não tem dinheiro para pagal-as á vista, nem credito para pagal-as a prazo, e a guerra moderna é tão cara que as nações mais ricas não a podem sustentar sem duplicar os seus compromissos. Mas a patria republicana só se manifesta pelos impostos. Mas o Pará, Minas e S. Paulo não occultam a fiscalisação dos credores d'alem-mar, e só têm saldos nos primeiros mezes que se seguem á contagem dos empréstimos que arranjam sem discutir condições ! Mas é quasi impossivel encontrar municipalidade que não tenha divida superior á renda. Mas a classe dos capitalistas desapareceu do Brasil. Mas a indigencia é uma realidade nacional.

Quer o exercito comprehender a Republica que fez ? Quer vel-a magistralmente photographada e fielmente cunhada ? Repare nas novas moedas de nickel : ellas têm só metade da palavra — liberdade. E essa metade é tão republicana que, no mesmo dia em que as moedas entraram em circulação, já encontraram na praça o seu padrão falsificado ! Expliquem os intermediarios da cunhagem tão engraçada coincidencia ; eu... eu limito-me a lembrar o pensamento de Beulé : O destino tem ironias vingadoras !

Patricios, brasileiros : a evidencia impõe-se. A Republica não pode continuar. A aventura

de 15 de Novembro de 1889 precisa de um termo. O lodaçal não pode ser eterno. O Brasil, domado e escarnecido pelo militarismo, parece um louco incompleto domado e escarnecido por um louco completo. (30)

E' um erro, lecciona uma das mais pujantes mentalidades modernas (31), ver no militarismo só o triumpho insolente da crueldade feliz, recompensada pela riqueza, pelo poder, pela admiração dos homens e pelo amor das mulheres. O militarista é quasi sempre um melancholico violento, um misanthropo orgulhoso, atormentado pela ira e pela incontentabilidade, perseguido por um tedio incuravel e por uma insaciavel necessidade de excitação.

E foi esse agrupamento, e foi essa seita armada que—às raias do seculo XX, quando o poder do homem sobre a natureza se ampliava; quando os conhecimentos se dilatavam: quando a sciencia astronomica surprehendia as nebulosas e augmentava as probabilidades da theoria de Laplace; quando a physica, demonstrando a relação do calor com o movimento, chegava á conclusão de que a somma de todas as forças existentes era tão constante quanto a totalidade da materia, sendo imperdivel qualquer parcella de força, de movimento ou de materia, e só podendo variar as suas combinações; quando a chimica esperava, com Berthelot, imitar os

(30) Erasmo.

(31) Ferrero.

processos da natureza e preparar as substancias que são produzidas desde a origem das coisas; quando a geologia e a biologia quasi nos diziam a epoca da apparição da vida organica; quando a paleontologia designava no *pithecantropus erectus* o anel mais importante da cadeia que liga o homem ao mammifero; quando a geographia alargava os dominios do homem na terra; quando a therapeutica oppunha novos embaraços ás molestias; quando a electricidade, excedendo todas as forças naturaes, recebia novas e numerosas applicações; quando a civilisação occidental se orgulhava citando Spencer, A. Gaudry, Haeckel, Helmholtz; quando o mundo caminhava — collocou patifemente, no Brasil, os seus representantes como vanguarda do governo, mas á retaguarda do dever! Essa seita militarista, apossando-se da direcção do paiz, nomeou-se exercito e armada em nome da nação, e, recrutando um jurista, mandou que em estado de sitio, fechadas as typographias opposicionistas, fosse em decreto especial assim definida a liberdade de imprensa: “o direito que tem o jornalismo de auxiliar as medidas governamentaes a bem da ordem „!

E o Brasil tanto e tanto se adeantou com a fôrma republicana, com os seus homens, com a sua administração, que, ao contrario de Julio Cesar de Souza, cujas experiencias aerostaticas foram tentadas na capital do imperio, em presença do monarcha e dos seus ministros, Santos

Dumont, — o Colombo do ar, o invasor da admiração do mundo inteiro, a individualidade que ligou o nome do Brasil á attenção da posteridade — Santos Dumont só longe da Patria poudé provar que a Patria ainda produzia glorias !

Mas, senhores, estaremos já e sem recurso condemnados á morte ? O enorme plano de Pombal pulverisar-se-á ao sopro do militarismo ? O Brasil será em breve uma patria morta ? Estacionaremos no general Pires Ferreira — o mais fiel representante da bravura, da disciplina, da oratoria e da honestidade republicana do militar no Brasil ?

Respondo por mim; respondo por vós. Respondo por esta terra paulista de cujas qualidades e defeitos, mais que das tradições e das vantagens, eu sou legitimo representante nesse parlamento amplo que se chama—coração do povo: — Não: o Brasil não está morto.
(*Applausos*)

Perturbação passageira, ou molestia grave, nas nações como nos individnos — que importa isso? — : a doença passa mas a individualidade fica. A Republica ha de passar, e o Brasil ha de resistir á delapidação dos seus actuaes mordomos. O doente ha de mudar de medico.

Seu coração bate vagaroso, mas bate ainda. Fraco está seu pulso, mais ainda é um pulso.

Soffre muito. Soffre de abundancia complicada. Abundancia no bem ; abundancia no mal. Soffre de abundancia dupla.

Abundancia na natureza ; abundancia no governo. Na natureza : abundancia de territorio, de fertilidade, de rios navegaveis, de minas a explorar, de café, de assucar, de borracha, de cereaes, de florestas, de tudo, de tudo o que deveria construir o bem-estar, a riqueza, a paz, o progresso de um agrupamento humano. No governo : abundancia de arbitrio, de illegitimidade, de incompetencia.

Do choque dessas duas abundancias nasceu a actualidade que nos envergonha. A segunda empolgou a primeira, estragando-a, apodrecendo-a.

Onde o remedio ? Na remoção do mal, está visto.

E' possivel mudar a natureza? Não.

E' possivel mudar o governo ? Sim. Mas é indispensavel mudal-o no regimen, no systema, nos homens, nos alvitres administrativos, nas dynastias estaduaes, em tudo. E' preciso, é muito preciso que obriguemos os que saquearam os erarios publicos a que se sujeitem ao programma das restituições. Sim: o programma das restituições. Vacillaes ? Cuidado! Collocaes no rol dos factos consummados a subtracção das vossas contribuições? Cuidado, cuidado a bem da Patria, cuidado a bem do meu e do vosso character! Somos todos da mesma massa. Abolido o inferno pela sciencia ; abolido o codigo penal pela impunidade ;... se o — Mercurio em commum ! — do larapio grego é o programma geral eu vou roubar tambem.

Dispõe a Republica de elementos, de meios de acção para levar ávante o castigo dos delinquentes ? Ah ! os suicidios politicos são raros, rarissimos !

Só a envergadura monarchica será capaz de tanta resolução, de tanta justiça, de tanto patriotismo. Que os republicanos honestos — e são tantos ! — que os republicanos que trabalharam, como eu, para a quéda da Monarchia com o compromisso de annullar a centralisação e augmentar a liberdade, e não com o intuito de escravisar o seu paiz, encontrem na actual asphyxia do direito, na penuria geral, no soffrimento do povo, no martyrio da Patria o seu caminho de Damasco !

Que elles confessem o que sentem, que não neguem o que estão vendo, que não subordinem o seu amor ao Brasil ao fanatismo por um nome ! Que se convençam de que a Republica é um nome e a liberdade é um direito. Não amarrema existencia e a convicção ao nome — Republica — ; trabalhem tenazmente pela reacquisição da liberdade que desejaram, que nos prometteram e que, afinal, aboliram em nossa Patria. Não imitem o tabareu atoleimado que, ao penetrar no templo, dá mais attenção ao repique do sino do que á cerimonia da missa (*Riso*).

Errar, comprehender o erro, mas persistir no erro ! ? Combater a Monarchia, tendo no fundo da consciencia saudades della ; permanecer nas fileiras republicanas quando ellas vasam os venenos que corroem o organismo

nacional ; sacrificar a coherencia do patriotismo á coherencia dos rotulos partidarios — é parodiar aquelles, dos companheiros de Ulysses, que recusavam retomar a fôrma humana, preferindo a permanencia no encantamento suino !

Não, não desesperei inteiramente dos homens, assim como não desesperei da Patria. Vejo-a abatida ; vejo-os amedrontados : a derrota foi grande, inesperada, prolongada. Doze annos de torturas ! Vencedor o exercito ; vencida a nação ! Contento o exercito ; triste a nação. O revez abate até os mais bravos ; a victoria faculta o orgulho aos medrosos. (32)

No desastre, o paiz teve a cumplicidade da tolerancia ; e não são só os erros individuaes que exigem reparação : ha injustiças praticadas por uma sociedade inteira, e a solidariedade das gerações ordena que os seus effeitos sejam destruidos ou compensados (33). Os revezes trazem esta compensação : fazem a sociedade procurar de novo os bens dos quaes a afastara a illusão do successo (34). A covardia popular foi co-auctora no crime de 15 de Novembro ? Pois destrua essa co-auctoria. Reaja. Reclame. Agite-se. Os casos de desvario social, como a implantação do militarismo em um paiz de lavradores, só podem ser medicados pela exci-

(32) Sallustio.

(33) Fouillé.

(34) Julio Favre.

tação (35); não os cura o simples queixume; a paciência não dá remedio a dores agudas.

Nossos paes transmittiram-nos a vida com a condição de sacrificial-a pela Patria (36), e a Patria não se resume em doze mil soldados. Quasi tres vezes maior do que esse exercito, que — descontando-se os officiaes que pediriam reforma na occasião do perigo — não daria para collocar uma sentinella em cada kilometro do nosso littoral, é a população desta comarca, tão cheia de tradições elogiaveis, tão habituada a reagir contra os abusos do poder, e, como toda a entidade valente e briosa, tão observadora da delicadeza, da hospitalidade, da tolerancia e do respeito á independencia do pensamento alheio.

Povo da Franca ! Povo generoso e bom ; povo herdeiro genuino, legitimo, incontestavel, do antigo vigor bandeirante, do velho sangue paulista : consenti que um vosso patricio, encanecido, decadente, extenuado na lucta da vida, tocado pelo inverno da existencia, cançado dos homens e das coisas, cançado das desillusões e dos contratempos, porém não cançado de adorar a Patria, de amar S. Paulo e de frequentar o dever e a honra, vos outorgue um mandato, vos encarregue de uma missão.

Meus amigos, meus patricios, meus companheiros de soffrimento e de esperanza : attendi

(35) Lillienfeld.

(36) Deodoro Siculo.

ao vosso chamado; obedeci á vossa vontade ; falei-vos da Patria ; disse-vos que nella, como na Roma de Tacito, ainda existiam algumas reminiscencias da liberdade moribunda. Vivificae-as. Sois o numero. Sois a razão. Sois o direito. Porque não sereis o dever?

Jurae que a Patria não está morta. Dae aos paulistas, para que elles, repetindo a nossa historia, o transmittam mais uma vez ao Brasil inteiro, o exemplo de um povo que quer ser livre, que ha de ser livre. Não imiteis o filho egoista que deixava queimar a casa paterna comtanto que salvasse do incendio o quarto em que morava.

Seja esta, exmas. sras.; seja esta, senhores, a traducção do meu discurso em vossas consciencias : a lavoura não está contente com o governo do sabre ; o arado vale mais que a bayoneta ; á bala que produz a morte o povo paulista prefere o trabalho que garante a vida. E a Republica é o sabre, é a bayoneta, é a bala. Enganam-vos dizendo que o mal está nos homens e não no systema. Quasi todo o Brasil é hoje governado por antigos monarchistas e a Patria estrebucha ! Não são maus os homens; pessimo é o systema.

Vêde, por exemplo, o que acontece em S. Paulo. A entrega da administração a quatro politicos sérios, educados na escola da Monarchia, apenas conseguiu que o descalabro financeiro interrompesse a sua marcha apressurada.

Melhorar a Republica com a Republica !
Querer que o desastre concerte o desastre ! que
o coveiro prepare a convalescença ! que a
epidemia restitua a saude ! que a dictadura
photographe a liberdade ! Mas, brasileiros, a
fórma republicana em nosso paiz atrophia a
sensatez, endeosa a extravagancia, adora o
desatino !

Tolerareis isso por muito tempo ?

Consentireis mesmo que a Patria morra ?

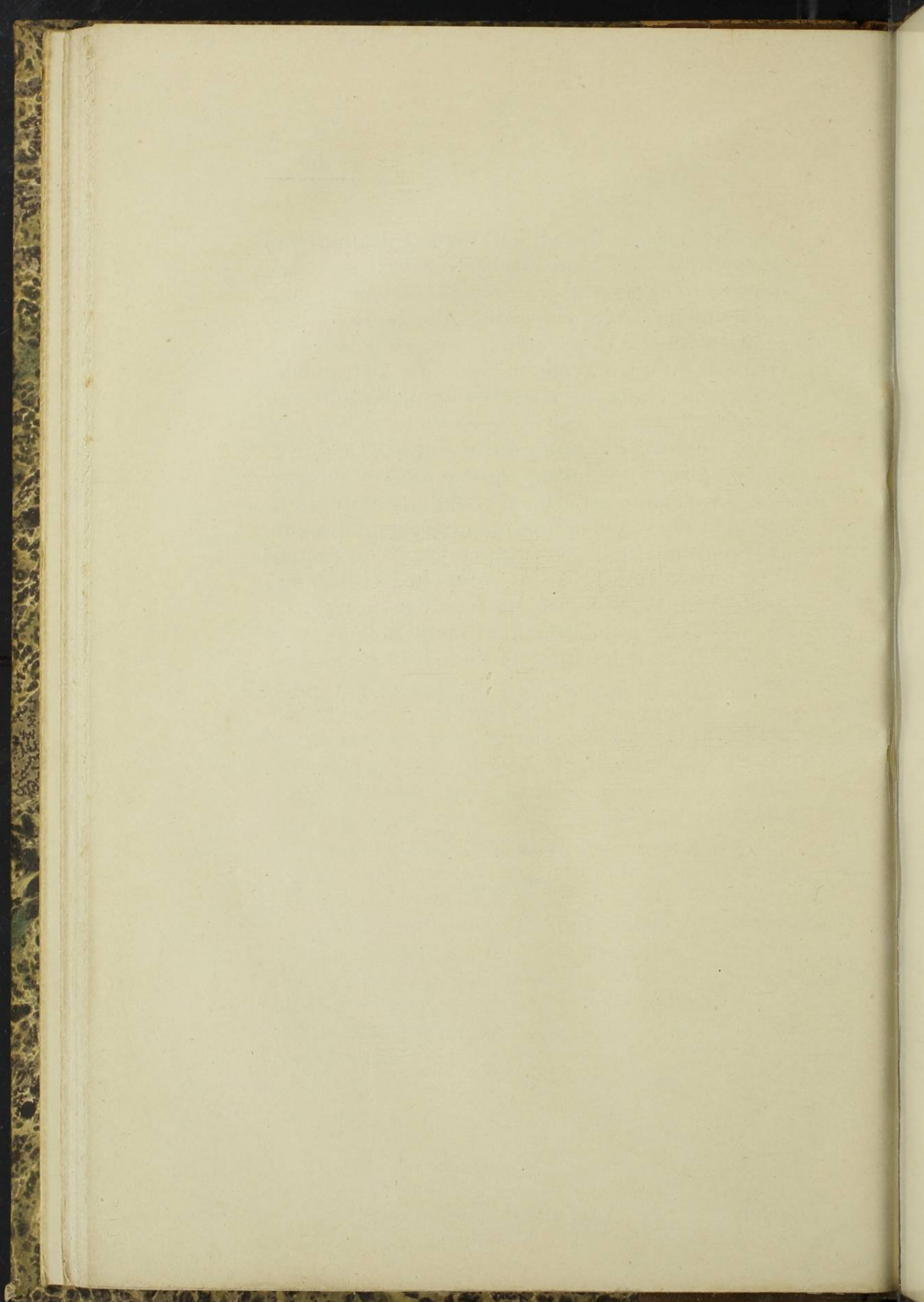
Patria morta ? Nunca ! Não morre um povo
que tem um papel a desempenhar na civilisação.
O Brasil não ha de ser enforcado nos correames
do quartel. Rompel-os-á; rompel-os-á bradando
comvosco, rompel-os-á bradando commigo:

— A Republica é uma mentira !

— A Patria é uma verdade !

*(Palmas. Applausos prolongados. O orador é
abraçado e felicitado.)*

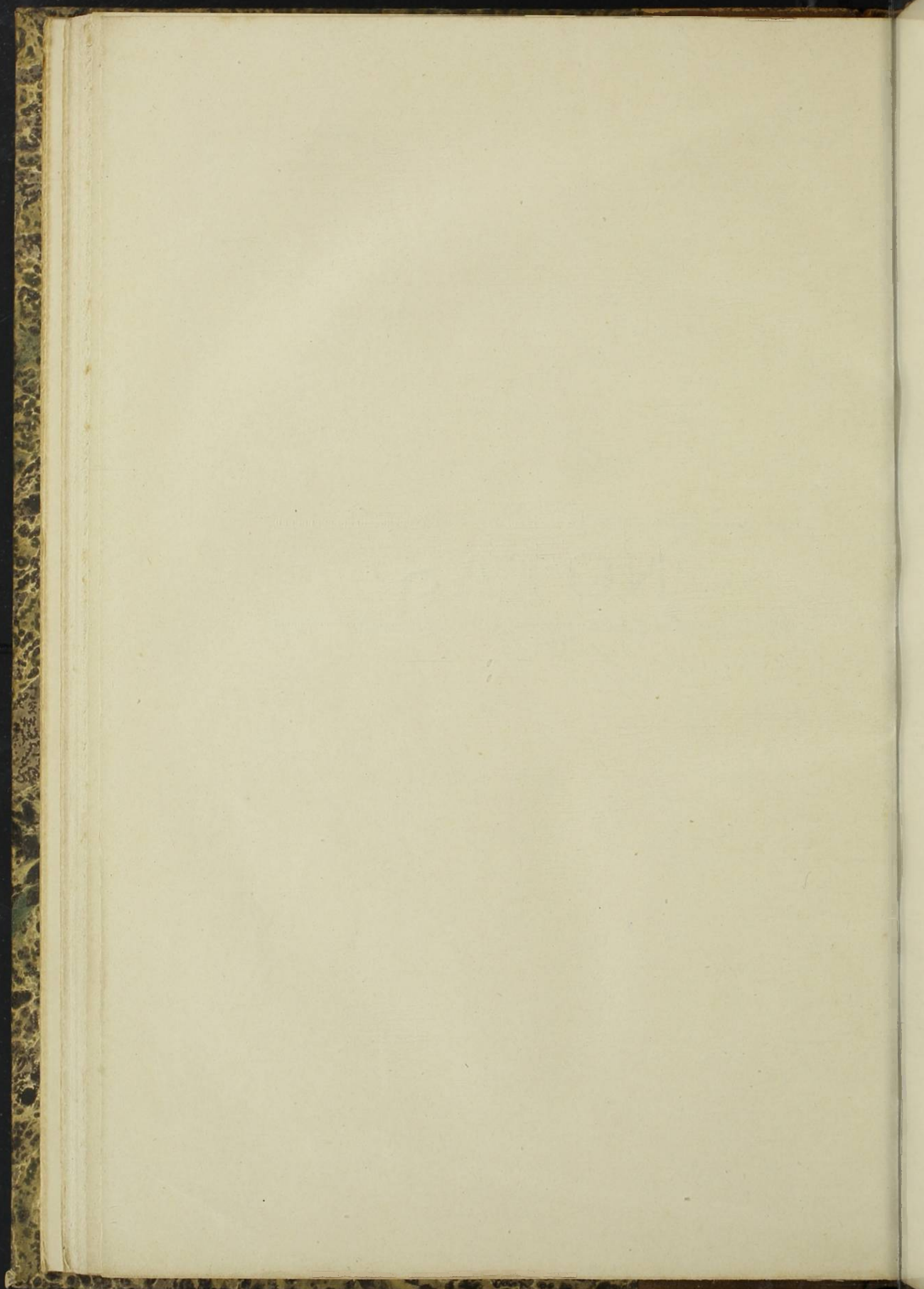






NOTAS





Nota A — A conhecida phrase de Saint-Hilaire — *No Brasil tudo é grande excepto o homem* — encontrou nova justificação no denodo com que os republicanos estão apressando o descalabro da Patria. Que queda vertiginosa e grande, essa que só a restauração da Monarchia conseguirá interromper !

Dos quatro imperialismos que ameaçam a autonomia das nações mais fracas — o norte americano, fixado o seu predomínio nas Antilhas, a tomar preferencialmente o rumo oeste, devorando o reino polynesio de Hawai, partilhando Samoa, assenhoreando-se das Philippinas e assignando vantajosos tratados commerciaes com o Japão e a Coréa ; o inglez, fortificado nos pontos mais importantes do globo, dando direcção a quatrocentos milhões de almas; o germanico, invadindo todos os mercados, triplicando a sua marinha, immiscuindo-se nos emprestimos negociados pelos governos enfraquecidos, estabelecendo-se no littoral chinez e cogitando do sul da America ; o slavo, tomando rumo oriental, mas surprehendendo o occidente com extraordinarias manifestações literarias, artisticas e industriaes — só o ultimo não significa um proximo e directo obstaculo á permanencia da nacionalidade brasileira.

A natural expansão humana, a nossa riquissima vastidão territorial, a incontestavel mediocridade dos chefes republicanos e os precedentes de subserviencia com que, a datar de 15 Novembro de 1889, a administração nacional animou a altivez e a insistencia das reclamações estrangeiras, são apreciaveis factores do drama de absorpção que se aproxima. Delle, porém, não se preocupam os

posseiros do paiz. E' sempre a mesma historia : discute-se theologia em Ravenna quando os barbaros atravessam a fronteira!

O Brasil parece hoje um hotel sem gerente. Qual dos famulos já ajustou ou recebeu o salario semi-boliviano? O Acre ha de ter já, necessariamente, o seu Vasco Borralho.

Nota B. — No — *Caderno de assentamentos particulares para a minha Lembrança* — interessante inedito escripturado pelo coronel Francisco Xavier da Costa Aguiar, e que vai de 19 de Abril de 1784 a 31 de Dezembro de 1820, encontrei curiosos apontamentos de despezas feitas com os estudos e subsistencia do dr. José Ricardo da Costa Aguiar e Andrada quando estudante de Coimbra. Tomei-as para media applicavel ás dos jovens brasileiros matriculados nessa Universidade de 1750 a 1822.

Como esse, quantos manuscritos, que poderiam subsidiar a historia patria, existem em mãos particulares! Arrecadal-os, colleccional-os, archival-os em repartição publica, pondo-os ao alcance dos estudiosos, fôra magnifico alvitre. Arrisquei-me a lembral-o a estadista estadual que, infelizmente, me não poude attender por estar na occasião atarefadissimo com o reconhecimento de directorio partidario, não recordo bem se de Piragibú, se de Yporanga. E igual contrariedade já me torturara em 1892, quando o senado paulista deixara de votar a quantia de dez contos de réis para a copia dos documentos relativos á historia de S. Paulo, existentes no archivo de Simancas. Tem seus traços de inea a civilisação republicana em

minha terra : não se apaixonou muito pelas letras. Era até capaz de viver sem alfabeto.

Notas C e D — Propositalmente incluí num mesmo período pensamentos do coronel Martim Francisco e de Frei Francisco de Mont'Alverne. A historia não é, para mim, receptaculo de odios, porém fonte de estudo e escola de justiça. Não herdei birras originadas em incidentes e interesses já eliminados pelo tempo.

Caso digno de reparo, o não apparecimento de Mont'Alverne nos arraiaes politicos! Dos tres famosos oradores que elevaram o pulpito nacional na epoca da Independencia, era elle o que mais incontestavel aptidão revelava para a vida publica. Seu discurso proferido em 1811, em S. Paulo, entregando as bandeiras ao regimento auxiliar, a oração, em acção de graças, quando o Brasil foi elevado a reino, as orações funebres de d. Maria I e d. Carlota Joaquina, e principalmente o eloquentissimo sermão pronunciado em 25 de Março, poucos dias antes do Sete de Abril, attestam em Mont'Alverne uma mentalidade alargada em cogitações sociologicas, uma capacidade cujo retrahimento fez indubitavel falta á direcção dos negocios publicos. Algum tanto versatil, desculpando geitosamente violencias do governo, o notavel orador teve talvez motivos, que lhe pareceram accitaveis, para applaudir a dissolução da assemblea constituinte e o desterro dos Andradas. E' duvidoso, porém, que seu coração guardasse por muito tempo os rancores da inimizade: li carta, datada de 1854, dirigida a meu pae, e assignada por Mont'Alverne já cego, agradecendo effusiva-

mente noticia publicada em jornal paulista a respeito do celebre panegyrico de S. Pedro de Alcantara.

Onde e porque, porém, nasceu a antipathia entre os Andradas e o grande orador?

Não teve elle aspirações politicas contrariadas, nem aquelles, quasi sempre em opposição, dispunham de elementos que impedissem a carreira e a supremacia de semelhante contendor. Só acho explicação em possiveis rivalidades literarias e philosophicas, iniciadas nos dias coloniaes.

Em 24 de Abril de 1813 fôra Mont'Alverne eleito professor de philosophia do collegio que a Ordem Seraphica de S. Francisco mantinha na cidade de S. Paulo, onde tambem, por esse tempo, o coronel Martin leccionava philosophia. Kancianas as prelecções do futuro estadista, theologicas necessariamente as do eminente sacerdote; dahi um antagonismo — explicavel em localidade então pequena, com poucos assumptos occupando a attenção publica — alimentado pela proverbial altivez de ambos os jovens mestres e, quiçá, accrescentado e desenvolvido pela collaboração de divergencias mais ou menos motivadas. Quem ler, por exemplo, a oração, recitada por Mont'Alverne em 26 de Junho de 1816 em S. Paulo, e que foi revista em 1853 para ser dada ao prelo, ahi deparará com replicas frisantes ás opiniões que o coronel Martin sempre externara contra os tratados de commercio, inserindo-as até aggressivamente na resposta á fala do throno em 1830.

Como era nobre essa lucta por ideas! Que papel engraçado

fariam, então, os actuaes generaes de brigada se fossem chamados a combate!

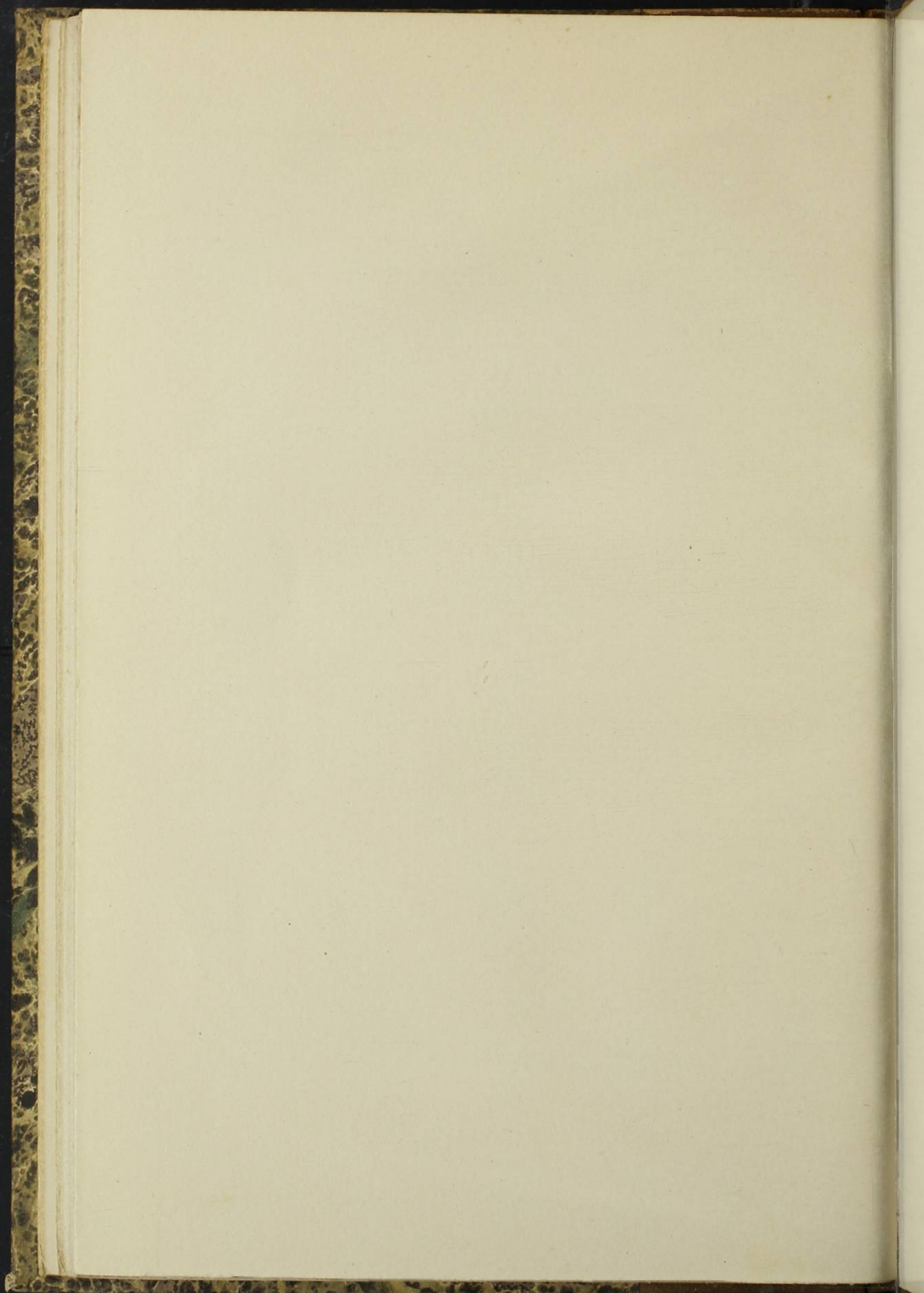
Nota E — A caridade imperial foi, talvez, o sulco o mais profundo que a familia de Bragança deixou na saudade brasileira; e esse sulco mais se accentuou deante da ingratição de quasi todos os soccorridos. Justificando aquella acertadissima observação de Macaulay quanto ao furor insolente dos que querem, por meio do exagero, dar aos novos correligionarios arrhas que evitem desconfianças á recente adhesão, individuos que receberam de d. Pedro II casa, cama e meza pagaram-lhe em moeda da calunnia os juros do capital e das commodidades recebidas. Nem o conde d'Eu, o unico militar brasileiro que está com o soldo em atrazo, escapou ás pedradas daquelles cuja ganancia criminosa o brioso principe encobriu, pagando de seu bolso o desfalque encontrado nas contas do seu estado-maior na guerra do Paraguay.

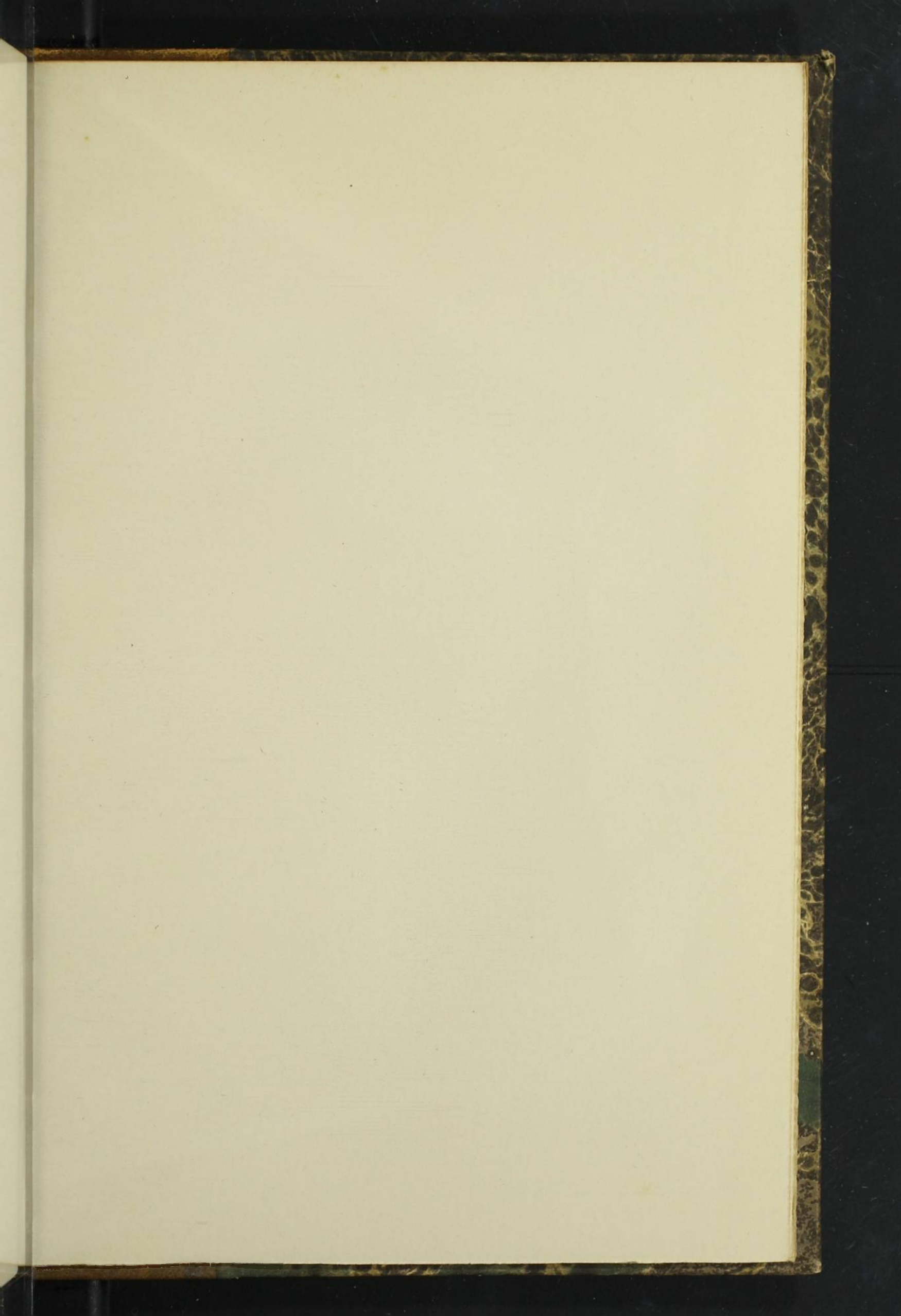
Nota F — Eis um topico da carta do Visconde de Bom Retiro, datada na Tijuca em 28 de Janeiro de 1886: «Assim todos ou quasi todos que estão nas elevadas posições politicas, como chefes de partido ou como governo, comprehendessem bem o nosso estado, que não é para com elle se brincar. Aprecio muito o seu modo de pensar. Entendo mesmo que os conservadores dignos deste nome não podem hesitar na escolha, e, si dependesse de mim, não haveria mais questões entre liberaes monarchistas e conservadores *monarchistas*. Diante do inimigo commum que já se apresenta arrogante era tempo de se unirem — ao menos por

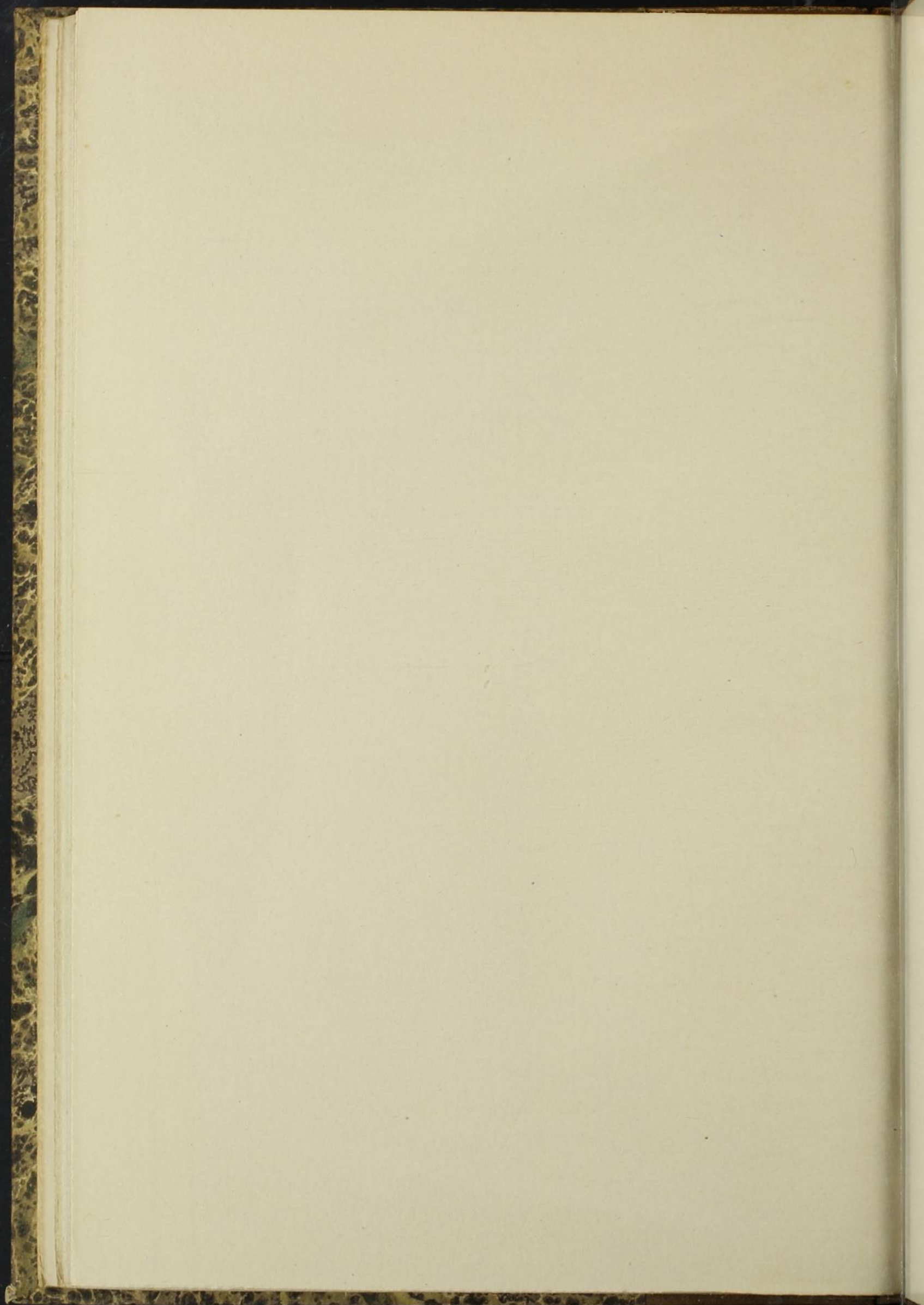
alguns annos — um e outro partido monarchico. Essa união devera já ter presidido a ultima eleição.»

Refere-se essa carta ao accordo, que o conselheiro João Alfredo com difficuldade conseguiu impedir, entre republicanos e conservadores no antigo setimo districto da provincia de S. Paulo para eleição do dr. Manoel Ferraz de Campos Salles em 15 de Janeiro de 1886. Namoro velho dos dois partidos, conforme asseverou ha dias um dos intermediarios.

Qual namoro! O que havia era cazamento clandestino. Dahi nasceu a Republica.







012067



